

REGIÃO CENTRO



BOLETIM TRIMESTRAL

INFORMAÇÃO REPORTADA AO TERCEIRO TRIMESTRE DE 2009

04



[índice]

CONJUNTURA

- 02** Enquadramento Nacional
- 04** Mercado de Trabalho
- 09** Desemprego Registado
- 11** Endividamento das Empresas
- 12** Comércio Internacional de Bens
- 14** Turismo
- 16** Construção e Habitação
- 18** Políticas Públicas na Região Centro
- 22** Programa de Iniciativa Comunitária
URBACT II 2007-2013

DINÂMICAS REGIONAIS NA REGIÃO CENTRO

- 24** A Região Centro no contexto nacional
e regional

[ficha técnica]

Editor: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro | Responsável Técnico: Direcção de Serviços de Desenvolvimento Regional | Data de Edição: Fevereiro de 2010 | Design Gráfico: DallDesign, Unipessoal Lda. | Impressão: DallDesign, Unipessoal Lda. | ISSN: 1647-3612

boletimtrimestral@ccdr.pt
www.ccdrc.pt





No terceiro trimestre de 2009, a actividade económica sofreu uma nova contracção em Portugal e na Região Centro, ainda assim menos intensa que a registada no trimestre anterior. A região observou, no entanto, à semelhança dos trimestres anteriores, sinais mais positivos do que os registados para o todo nacional, nomeadamente em áreas como o mercado de trabalho, a construção e habitação e o comércio internacional de bens.

A recessão económica que o país vivia, no terceiro trimestre de 2009, era observável, desde logo, na quebra de 2,5% do Produto Interno Bruto, apesar desta diminuição ser menos intensa que nos dois primeiros trimestres do ano. Também a taxa de desemprego nacional e regional aumentou novamente, apresentando agora os maiores valores da última década: 9,8% em Portugal e 7,2% na Região Centro.

Na esfera empresarial, denotaram-se algumas dificuldades, no terceiro trimestre de 2009, pelo facto de o crescimento do valor dos empréstimos concedidos ter sido inferior, em termos reais, ao registado nos trimestres anteriores. Assistiu-se ainda a um aumento do crédito vencido em percentagem dos empréstimos concedidos.

No comércio internacional de bens, as empresas obtiveram também resultados negativos, em Portugal e na Região Centro, sobretudo no que toca aos fluxos extra-comunitários. No entanto, as diminuições foram, em geral, menos fortes do que no trimestre anterior. Também na construção, apesar do licenciamento ter diminuído, em particular o de edifícios novos e com finalidade doméstica, este decréscimo foi menos acentuado que no trimestre anterior.

O sector do turismo, que vinha a revelar maior dinamismo em comparação com os trimestres anteriores, apresentou agora uma situação menos favorável do que no terceiro trimestre de 2008. Esta situação observou-se tanto ao nível do número de hóspedes como de dormidas.

A 30 de Setembro de 2009, no âmbito do Quadro de Referência Estratégico Nacional, na Região Centro, em termos das candidaturas aprovadas, a região acumulava 26,0% dos fundos comunitários aprovados no país. No que toca especificamente ao Mais Centro, o FEDER aprovado incidu sobretudo nos eixos 1 – Competitividade, inovação e conhecimento, 2 – Desenvolvimento das cidades e dos sistemas urbanos e 3 – Consolidação e qualificação dos espaços sub-regionais.

Para uma abordagem às dinâmicas da região apresentou-se ainda, neste boletim, uma análise estatística que retrata a Região Centro do ponto de vista demográfico, económico e social. Procurou-se neste exercício posicionar a região no contexto regional e nacional, numa lógica comparativa face às restantes regiões NUTS II e ao país.

[CONJUNTURA]

ENQUADRAMENTO NACIONAL

A actividade económica em Portugal registou no terceiro trimestre de 2009 uma quebra face ao mesmo período do ano anterior, mas ainda assim menos intensa que nos dois primeiros trimestres do ano, tendo o Produto Interno Bruto (PIB) diminuído 2,5%. A taxa de desemprego nacional voltou a aumentar para 9,8% e o nível médio dos preços no consumidor registou uma variação homóloga negativa pelo segundo trimestre consecutivo. No entanto, as expectativas dos agentes económicos melhoraram.

Quadro 1 - Enquadramento Nacional		3T09	2T09	1T09	4T08	3T08	2008	2007
PIB ¹	v.h. (%)	- 2,5	- 3,7	- 4,0	- 1,9	0,4	0,0	1,9
Procura Interna	v.h. (%)	- 2,5	- 4,1	- 3,4	- 0,6	1,5	1,3	1,7
Consumo das famílias	v.h. (%)	- 1,0	- 0,9	- 1,5	1,1	2,3	1,7	1,7
Taxa de investimento	%	22,1	20,5	21,5	22,9	24,0	23,7	23,6
Exportações	v.h. (%)	- 9,7	- 15,8	- 19,0	- 8,9	0,9	- 0,5	7,8
Importações	v.h. (%)	- 8,0	- 14,4	- 14,4	- 4,4	3,4	2,7	6,1
VAB	v.h. (%)	- 2,0	- 2,6	- 3,1	- 1,2	0,6	0,5	2,0
Taxa de desemprego	%	9,8	9,1	8,9	7,8	7,7	7,6	8,0
IPC - Índice de Preços no Consumidor	v.h. (%)	- 1,5	- 1,1	0,0	1,5	3,0	2,6	2,5
Indicador de confiança dos consumidores	%	- 29,5	- 43,5	- 51,0	- 42,6	- 36,5	- 38,4	- 29,2
Indicador de clima económico	%	- 1,2	- 2,5	- 2,8	- 1,1	0,2	0,3	1,1

No terceiro trimestre de 2009, o PIB nacional voltou a apresentar uma variação homóloga² negativa (Quadro 1). Esta quebra face ao mesmo período do ano anterior foi de 2,5%, tendo-se, no entanto, registado uma melhoria face à diminuição homóloga apurada nos trimestres anteriores de 2009.

A diminuição menos acentuada do PIB deveu-se quer à procura externa quer à procura interna, estando, contudo, mais associada à redução menos intensa observada nesta última componente da procura.

A procura interna diminuiu, em termos homólogos, 2,5%, evolução que se revelou menos negativa do que no trimestre precedente, resultante de um comportamento menos negativo do investimento. No caso do “material de transporte”, verificou-se mesmo a recuperação homóloga do investimento. Destaque ainda para o valor de 22,1% da taxa de investimento (peso do investimento no PIB) que contrariou as diminuições sucessivas que se vinham a apurar desde o terceiro trimestre de 2008. Já o consumo das famílias, outra componente da procura interna, diminuiu 1,0%, face ao mesmo período do ano anterior, uma descida ligeiramente superior à que se verificara no segundo trimestre de 2009. À semelhança do que se tinha observado neste trimestre, esta evolução mais negativa do consumo privado deveu-se, essencialmente, à diminuição ocorrida no consumo de bens duradouros, uma vez que ao nível do consumo de bens correntes se registou um ligeiro crescimento.

Relativamente à procura externa, observou-se, no terceiro trimestre de 2009, uma diminuição homóloga das exportações e das importações que, embora ainda expressiva, foi menor do que no trimestre precedente, tendo-se cifrado em 9,7% e 8,0%, respectivamente.

Um comportamento negativo face ao mesmo período de 2008, apesar de mais favorável que no trimestre anterior, verificou-se também do lado da oferta, medida pelo Valor Acrescentado Bruto (VAB), cuja variação homóloga foi de -2,0%. À semelhança do segundo trimestre de 2009, o VAB apenas cresceu no sector das “actividades financeiras e imobiliárias”. Pela negativa, destacaram-se novamente os sectores da “construção”, com a maior quebra homóloga no trimestre, e da “agricultura, silvicultura e pescas”, por ter sido o único sector a verificar uma redução homóloga superior à apurada no trimestre anterior.

Apesar do clima menos recessivo verificado nos indicadores analisados, no mercado de trabalho nacional a situação degradou-se mais no terceiro trimestre de 2009. A taxa de desemprego subiu para os 9,8%.

Também os preços, de acordo com o Índice de Preços no Consumidor (IPC), voltaram a cair no terceiro trimestre de 2009, registando uma quebra homóloga de 1,5%. A quebra do IPC verificou-se sobretudo nos “produtos alimentares e bebidas não alcoólicas” e nos “transportes”, respeitando as maiores subidas à “educação” e às “bebidas alcoólicas e tabaco”.

Apesar deste cenário, no entanto, as expectativas dos consumidores e dos empresários apresentaram uma melhoria em relação ao trimestre anterior, segundo o indicador de confiança dos consumidores³ e o indicador de clima económico⁴, ambos do Instituto Nacional de Estatística (INE). Numa análise mensal, denotou-se inclusivamente que esta melhoria foi gradual.

¹Dados adaptados em cada boletim aos novos valores divulgados trimestralmente pelo INE, Contas Nacionais.

²Variação homóloga percentual – v.h. (%): trata-se da variação em relação ao mesmo período do ano anterior, em percentagem do valor deste; Variação homóloga percentual real – v.h. real (%): variação homóloga em volume, sendo retirada a variação dos preços, dados pelo Índice de Preços no Consumidor nacional (base 2008), ou outro indicador mais apropriado.

³O indicador de confiança dos consumidores é um meio de medição das expectativas dos consumidores, baseado em respostas de opinião.

⁴O indicador de clima económico é um instrumento semelhante ao indicador de confiança dos consumidores mas que retrata as expectativas dos empresários.

MERCADO DE TRABALHO

No terceiro trimestre de 2009, registaram-se, em Portugal e na Região Centro⁵, as mais elevadas taxas de desemprego da última década. Na região, assistiu-se a um novo aumento da população inactiva, nomeadamente de reformados, e a um decréscimo homólogo da população empregada. Apesar da diminuição do emprego ter sido menor que no trimestre anterior, o desemprego cresceu de forma mais intensa, atingindo 97,4 milhares de pessoas, o que resultou numa taxa de desemprego regional de 7,2%.

Segundo o Inquérito ao Emprego do INE, a taxa de actividade (15 e mais anos)⁶, no terceiro trimestre de 2009, foi de 61,7% em Portugal e de 65,7% na Região Centro (Quadro 2). Na Região Centro, esta taxa, apesar da diminuição homóloga, era superior à do trimestre anterior, tendo para isso contribuído o crescimento da taxa feminina, que se contrapôs à diminuição da masculina.

A população activa⁷, na Região Centro, observou uma quebra de 1,4% face ao mesmo período do ano anterior, embora tenha aumentado, em termos absolutos, quando comparada com o segundo trimestre de 2009. Esta evolução reflectia assim a diminuição homóloga do número de empregados. Já os desempregados sofreram um incremento superior ao registado quer no trimestre homólogo quer no trimestre anterior.

Simultaneamente, a população inactiva⁸ aumentou 1,8% do terceiro trimestre de 2008 para o mesmo trimestre de 2009, resultado do acréscimo de reformados (6,3%) e de estudantes (5,0%).

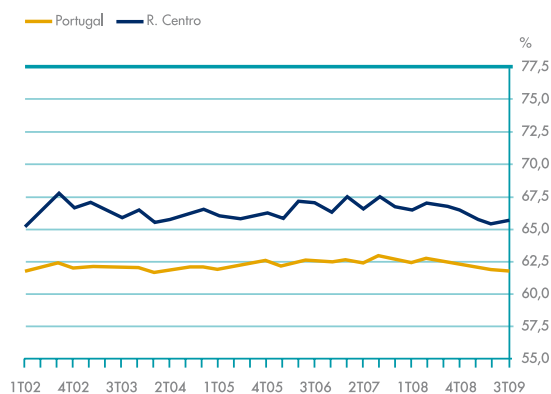
⁵ A análise efectuada à Região Centro refere-se sempre a 100 municípios, pois é para esta NUTS II que são construídos e disponibilizados os dados do INE e da maior parte das outras fontes estatísticas utilizadas neste boletim.

⁶ A taxa de actividade (15 e mais anos), de acordo com o INE, "permite definir a relação entre população activa e a população em idade activa (com 15 e mais anos de idade)".

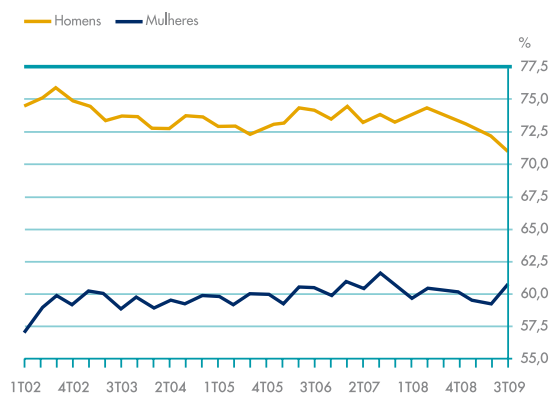
⁷ Segundo o INE, toma-se como população activa "o conjunto de indivíduos com idade mínima de 15 anos que, no período de referência, constituíam a mão-de-obra disponível para a produção de bens e serviços que entram no circuito económico (empregados e desempregados)".

⁸ A população inactiva é "o conjunto de indivíduos qualquer que seja a sua idade que, no período de referência, não podem ser considerados economicamente activos, isto é, não estavam empregados, nem desempregados, nem a cumprir o Serviço Militar Obrigatório".

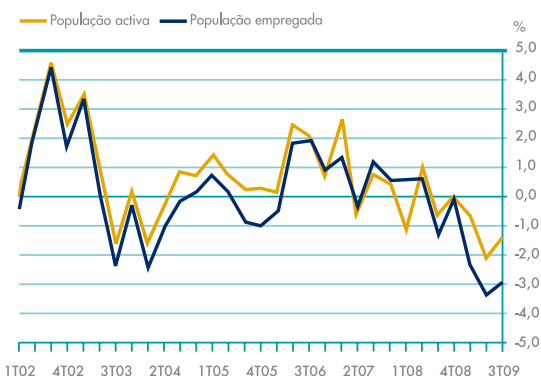
Taxa de actividade em Portugal e na Região Centro



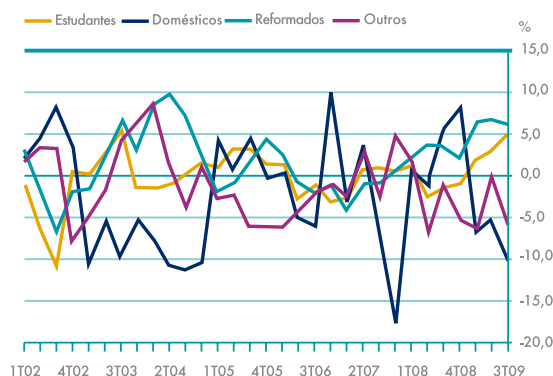
Taxa de actividade na Região Centro por sexo



População activa e população empregada na Região Centro (variação homóloga)



População inactiva na Região Centro por condição perante o trabalho (variação homóloga)



Quadro 2 – Actividade		3T09	2T09	1T09	4T08	3T08	2008	2007
Taxa de actividade (15 e mais anos)								
Portugal	%	61,7	61,9	62,1	62,3	62,5	62,5	62,6
Região Centro	%	65,7	65,4	65,8	66,4	66,8	66,7	67,0
	v.h. (p.p.)	- 1,1	- 1,6	- 0,7	- 0,3	- 0,6	- 0,3	0,4
Homens	%	71,0	72,1	72,6	73,3	73,8	73,8	73,6
Mulheres	%	60,8	59,3	59,6	60,1	60,3	60,1	60,9
População activa - Região Centro	milhares	1.349,6	1.343,1	1.351,3	1.363,2	1.369,1	1.367,2	1.371,1
	v.h. (%)	- 1,4	- 2,3	- 0,8	- 0,2	- 0,7	- 0,3	0,7
Empregados	milhares	1.252,1	1.257,9	1.261,1	1.284,9	1.290,7	1.292,7	1.294,5
	v.h. (%)	- 3,0	- 3,4	- 2,4	- 0,2	- 1,4	- 0,1	0,6
Desempregados	milhares	97,4	85,2	90,2	78,3	78,4	74,5	76,6
	v.h. (%)	24,2	19,2	29,2	0,8	11,9	- 2,7	2,8
População inactiva - Região Centro	milhares	1.033,5	1.039,5	1.031,7	1.021,3	1.015,3	1.017,1	1.012,7
	v.h. (%)	1,8	2,9	0,9	0,2	1,0	0,4	- 1,0
Estudantes	milhares	384,9	379,8	387,6	373,8	366,6	372,0	375,3
	v.h. (%)	5,0	3,2	2,1	- 0,9	- 1,5	- 0,9	0,0
Domésticos	milhares	98,4	104,4	109,5	108,4	109,3	111,3	107,9
	v.h. (%)	- 10,0	- 5,1	- 6,8	8,2	5,8	3,2	- 6,2
Reformados	milhares	368,9	368,1	357,8	353,3	347,0	345,3	335,3
	v.h. (%)	6,3	6,7	6,5	2,2	3,6	3,0	- 1,3
Outros	milhares	181,4	187,2	176,8	185,8	192,4	188,4	194,2
	v.h. (%)	- 5,7	0,3	- 6,4	- 5,3	- 1,1	- 3,0	0,7

A taxa de emprego⁹ desceu, no terceiro trimestre de 2009, fixando-se em 55,6% em Portugal e em 61,0% na Região Centro (Quadro 3). Na região, ao nível do sexo, esta quebra verificou-se somente nos homens. Quanto à idade, tanto para os indivíduos entre os 15 e os 24 anos, como para a população com 65 ou mais anos, a taxa de emprego regional baixou, em termos homólogos, tendo, no entanto, aumentado para este último grupo etário, quando em comparação com o trimestre anterior.

A população empregada na Região Centro atingiu os 1.252,1 milhares de indivíduos, o que corresponde a uma redução homóloga de 3,0%, que foi, contudo, menor que a registada no segundo trimestre de 2009. Os grupos mais atingidos pela diminuição do emprego foram: quanto ao sexo, os indivíduos do sexo masculino (tendo-se verificado um crescimento no caso da população empregada feminina); quanto à idade, os da faixa etária dos 15 aos 24 anos (tendo a quebra sido inclusivamente bastante mais intensa que no trimestre anterior); e no que se refere ao sector de actividade, os pertencentes aos sectores das “actividades financeiras, imobiliárias, científicas e serviços prestados às empresas” (sector que tinha sido protagonista do maior crescimento do emprego no trimestre anterior) e da “indústria, incluindo energia, gás e água”.

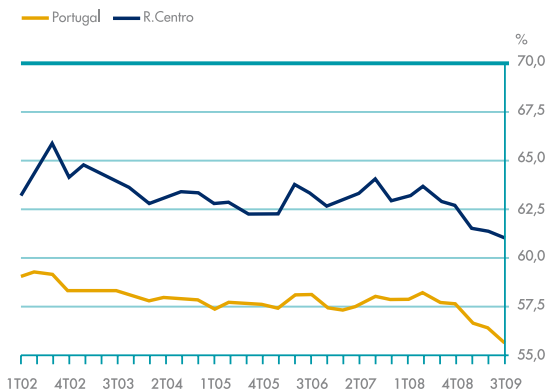
No que respeita à situação na profissão, denotou-se que, em relação ao trimestre homólogo, diminuíram, na Região Centro, tanto o número de trabalhadores por conta própria, como o de trabalhadores por conta de outrem, em cerca de 5,7% e 1,9%, respectivamente. Esta diminuição homóloga do número de trabalhadores por conta de outrem verificou-se tanto nos que tinham contrato a prazo como nos que tinham contrato sem termo, tendo as variações homólogas sido de -3,6% e -0,7%, respectivamente. O mesmo aconteceu para os trabalhadores a tempo completo e a tempo parcial, cujas variações no terceiro trimestre de 2009 face ao mesmo período do ano anterior foram de -1,9% e -0,4%, respectivamente. Tendo em conta o nível de escolaridade destes trabalhadores, registou-se um aumento do trabalho por conta de outrem não só para os indivíduos cujo grau de estudos era o secundário e pós-secundário (21,0%), como vinha a acontecer nos últimos trimestres, mas também para a população com o ensino superior (3,3%). Atente-se, porém, que os indivíduos sem qualquer grau de escolaridade viram o trabalho por conta de outrem ser reduzido em 30,2%.

⁹ A taxa de emprego é dada pelo quociente entre população empregada e população residente com mais de 15 anos de idade.

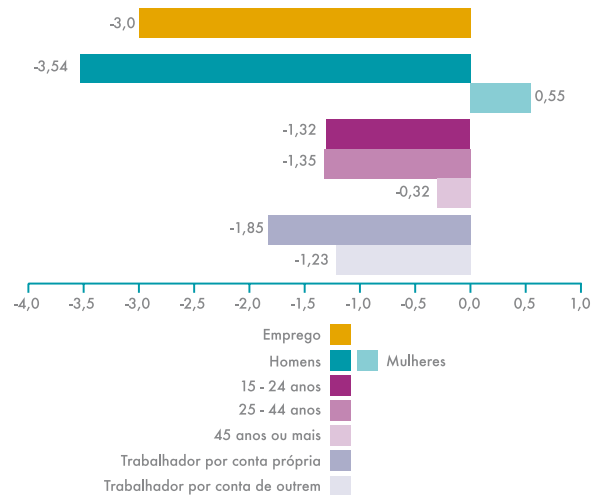
A quebra homóloga de 5,7% no trabalho por conta própria, mais intensa que no trimestre anterior, foi suscitada pela maior diminuição de isolados (6,2%), mas também pelo facto de o número de empregadores ter recomeçado a baixar (2,6%), contrariando o sinal positivo registado no segundo trimestre de 2009.

¹⁰A contribuição de uma dada componente para a variação homóloga de um determinado agregado populacional no trimestre t é calculada como a variação homóloga (absoluta) dessa componente em relação ao nível inicial (do trimestre homólogo) do agregado em causa. Por exemplo, sendo A a população activa, E a população empregada e D a população desempregada, os contributos (em %) da variação homóloga da população empregada e da população desempregada para a variação homóloga da população activa são, respectivamente, dados por $[(E_t - E_{t-4})/A_{t-4}] * 100$ e $[(D_t - D_{t-4})/A_{t-4}] * 100$, em que t é o trimestre. A soma dos contributos das várias componentes de um agregado iguala a taxa de variação homóloga desse agregado. No exemplo, a soma dos contributos das duas componentes, emprego e desemprego, iguala a taxa de variação homóloga da população activa¹⁰.

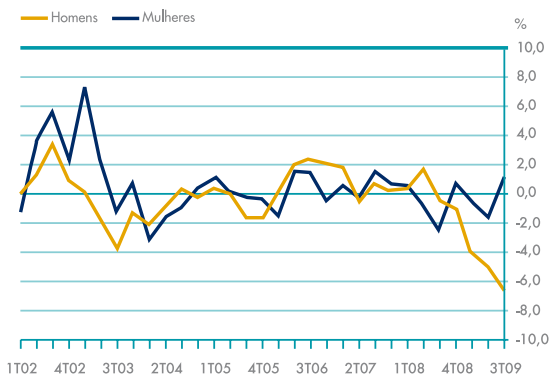
Taxa de emprego em Portugal e na Região Centro



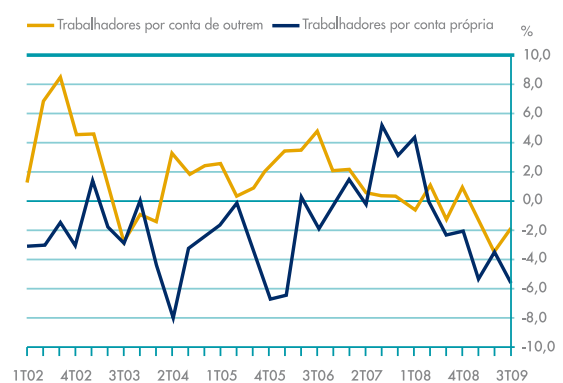
Contributos¹⁰ para a taxa de variação homóloga do emprego na Região Centro (%)



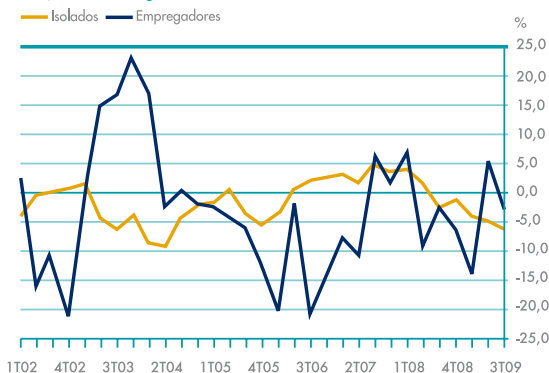
População empregada na Região Centro por sexo (variação homóloga)



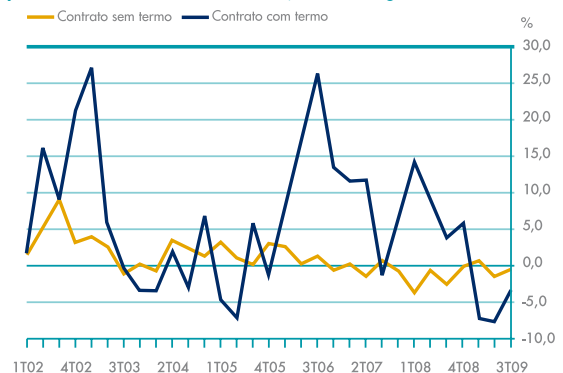
População empregada na Região Centro por situação na profissão (variação homóloga)



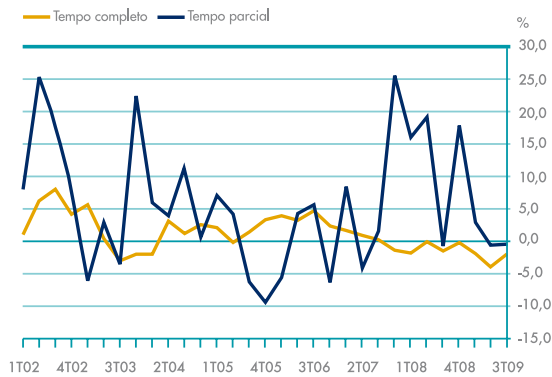
População empregada por conta própria na Região Centro (variação homóloga)



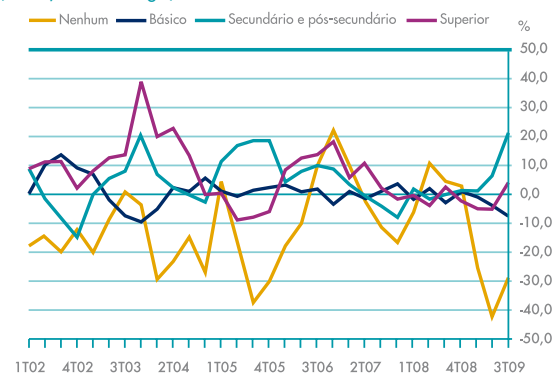
População empregada por conta de outrem na Região Centro por contrato de trabalho (variação homóloga)



População empregada por conta de outrem na Região Centro por regime de duração de trabalho (variação homóloga)



População empregada por conta de outrem na Região Centro por nível de escolaridade mais elevado completo (variação homóloga)



Quadro 3 - Emprego

		3T09	2T09	1T09	4T08	3T08	2008	2007
Taxa de emprego (15 e mais anos)								
Portugal	%	55,6	56,3	56,6	57,5	57,7	57,8	57,6
Região Centro	%	61,0	61,3	61,5	62,6	62,9	63,0	63,3
	v.h. (p.p.)	- 1,9	- 2,3	- 1,6	- 0,3	- 1,1	- 0,3	0,3
Homens	%	66,0	67,9	68,4	69,6	70,8	70,8	70,9
Mulheres	%	56,3	55,2	55,1	56,2	55,7	55,9	56,3
15 - 24 anos	%	31,3	32,9	35,3	38,5	36,7	36,3	36,3
65 anos ou mais	%	33,4	32,7	33,3	34,2	34,3	34,5	36,0
População empregada - Região Centro	milhares	1.252,1	1.257,9	1.261,1	1.284,9	1.290,7	1.292,7	1.294,5
	v.h. (%)	- 3,0	- 3,4	- 2,4	- 0,2	- 1,4	- 0,1	0,6
Homens	v.h. (%)	- 6,6	- 5,0	- 4,1	- 1,0	- 0,4	0,2	0,6
Mulheres	v.h. (%)	1,2	- 1,6	- 0,5	0,8	- 2,5	- 0,5	0,7
15 - 24 anos	v.h. (%)	- 17,4	- 9,1	- 1,7	5,5	- 4,7	- 1,8	- 4,0
25 - 44 anos	v.h. (%)	- 3,0	- 4,5	- 3,5	- 0,7	- 1,5	- 0,4	- 0,5
45 anos ou mais	v.h. (%)	- 0,7	- 1,5	- 1,5	- 0,6	- 0,8	0,4	2,5
Agricultura, floresta, caça, pesca e produção animal	v.h. (%)	- 5,0	- 7,4	- 2,5	- 3,3	- 1,3	- 2,3	0,2
Indústria, incluindo energia, gás e água	v.h. (%)	- 9,5	- 4,0	- 0,9	4,2	0,6	4,3	- 3,1
Construção	v.h. (%)	- 5,0	- 7,5	- 9,8	- 18,8	- 14,2	- 14,4	17,0
Comércio e reparações; alojamento e restauração; transportes e comunicações	v.h. (%)	- 6,1	- 2,5	- 5,9	5,8	1,8	6,6	1,3
Actividades financeiras, imobiliárias, científicas e serviços prestados às empresas	v.h. (%)	- 12,2	6,4	9,0	- 6,5	- 9,4	- 3,7	10,0
Outras actividades de serviços	v.h. (%)	11,4	0,3	1,4	5,0	3,0	0,4	- 5,9
Trabalhadores por conta de outrem	milhares	841,5	838,3	844,3	865,3	857,4	862,5	863,0
	v.h. (%)	- 1,9	- 3,7	- 1,4	0,8	- 1,3	- 0,1	0,8
Contratos sem termo	v.h. (%)	- 0,7	- 1,7	0,7	- 0,2	- 2,4	- 1,7	- 0,2
Contratos com termo	v.h. (%)	- 3,6	- 7,7	- 7,3	5,6	4,1	8,1	6,8
Tempo completo	v.h. (%)	- 1,9	- 4,0	- 1,8	- 0,3	- 1,4	- 0,9	0,5
Tempo parcial	v.h. (%)	- 0,4	- 0,5	3,3	17,7	- 0,4	13,3	7,0
Nenhum grau de escolaridade	v.h. (%)	- 30,2	- 43,7	- 25,0	2,9	4,6	2,8	- 4,8
Básico	v.h. (%)	- 7,4	- 4,2	- 0,4	1,3	- 2,5	0,0	1,0
Secundário e pós-secundário	v.h. (%)	21,0	6,4	1,1	1,1	- 0,1	0,4	- 2,2
Superior	v.h. (%)	3,3	- 5,4	- 5,1	- 2,0	2,1	- 1,1	4,2
Trabalhadores por conta própria	milhares	398,4	408,4	403,3	411,3	422,4	421,0	421,6
	v.h. (%)	- 5,7	- 3,6	- 5,5	- 2,2	- 2,4	- 0,1	2,3
Isolados	v.h. (%)	- 6,2	- 5,0	- 4,1	- 1,5	- 2,3	0,3	3,3
Empregadores	v.h. (%)	- 2,6	5,0	- 13,8	- 6,5	- 2,7	- 3,0	- 3,4

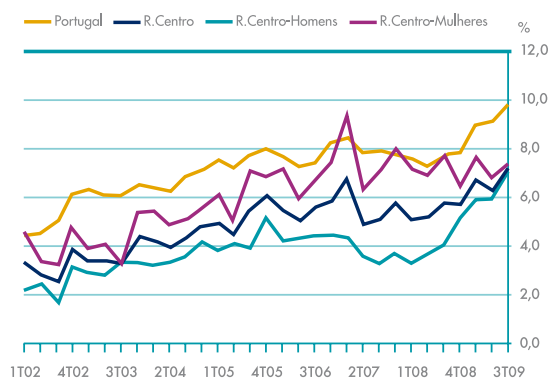
No terceiro trimestre de 2009, a taxa de desemprego¹¹ em Portugal tomou o valor de 9,8%, aumentando novamente face aos trimestres anteriores (Quadro 4). Também na Região Centro a taxa de desemprego aumentou para 7,2%, o valor mais elevado da última década. Na Região Centro, em ambos os sexos e nas várias

¹¹ A taxa de desemprego é a relação entre a população desempregada e a população activa.

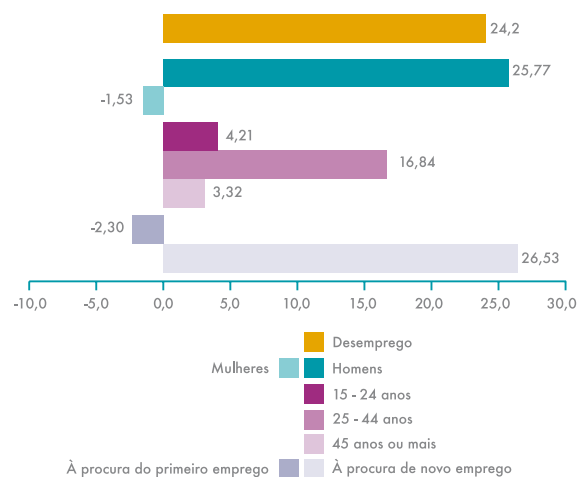
faixas etárias, os valores da taxa de desemprego foram, no período em análise, mais preocupantes do que no trimestre anterior e também, à exceção da taxa de desemprego feminina, do que no terceiro trimestre de 2008.

O valor elevado da taxa de desemprego regional traduzia uma realidade de 97,4 milhares de desempregados, resultado de um crescimento de 24,2% em comparação com o terceiro trimestre de 2008. Para estas contas contribuiu bastante a população masculina, tendo o número de homens desempregados aumentado 69,7%, em termos homólogos, enquanto que o número de mulheres que procuravam emprego diminuiu 2,4%. O crescimento do desemprego foi transversal aos vários grupos etários, tendo aumentado em todos os escalões considerados e de forma mais intensa do que no trimestre anterior, com exceção da população com idades compreendidas entre os 25 e os 44 anos, cujo desemprego tinha já sofrido crescimentos relativamente fortes nos dois trimestres anteriores. Aumentou também, relativamente ao trimestre homólogo, o desemprego de quem procura novo emprego (31,4%), embora o número de desempregados à procura de primeiro emprego tenha sido 14,9% menor. Concluiu-se ainda que aumentaram não só os desempregados que procuravam trabalho há menos de um ano mas também os que o faziam há 12 meses ou mais, não crescendo tanto o desemprego de longa duração como tinha ocorrido no trimestre anterior.

Taxa de desemprego em Portugal e na Região Centro (por sexo)



Contributos para a taxa de variação homóloga do desemprego na Região Centro (%)



Quadro 4 - Desemprego

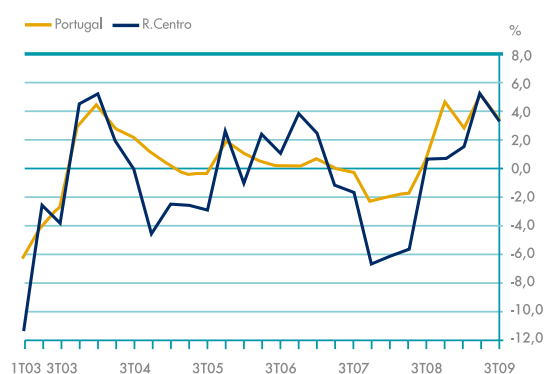
		3T09	2T09	1T09	4T08	3T08	2008	2007
Taxa de desemprego								
Portugal	%	9,8	9,1	8,9	7,8	7,7	7,6	8,0
Região Centro	%	7,2	6,3	6,7	5,7	5,7	5,4	5,6
	v.h. (p.p.)	1,5	1,1	1,6	0,0	0,6	-0,2	0,1
Homens	%	7,0	5,9	5,9	5,1	4,0	4,0	3,7
Mulheres	%	7,4	6,8	7,6	6,5	7,7	7,1	7,7
15 - 24 anos	%	15,7	12,9	14,5	10,1	10,8	12,1	13,5
25 - 44 anos	%	9,4	8,2	8,3	7,6	7,3	6,5	6,4
45 anos ou mais	%	3,8	3,5	3,7	3,1	3,3	3,3	3,3
População desempregada - R. Centro	milhares	97,4	85,2	90,2	78,3	78,4	74,5	76,6
	v.h. (%)	24,2	19,2	29,2	0,8	12,2	-2,7	2,8
Homens	v.h. (%)	69,7	56,6	74,6	37,1	22,4	8,2	-13,5
Mulheres	v.h. (%)	-2,4	-3,1	5,5	-18,2	6,9	-8,7	14,5
15 - 24 anos	v.h. (%)	27,7	-19,0	10,5	-34,8	-16,2	-14,1	11,4
25 - 44 anos	v.h. (%)	29,1	42,8	52,2	19,2	26,8	0,2	-1,9
45 anos ou mais	v.h. (%)	12,3	7,9	6,0	-3,4	6,0	0,0	7,3
À procura do primeiro emprego	v.h. (%)	-14,9	-20,2	-17,2	-20,8	18,6	2,7	27,3
À procura de novo emprego	v.h. (%)	31,4	26,8	38,3	5,1	11,1	-3,8	-0,3
Há menos de 12 meses	v.h. (%)	34,1	15,1	32,3	-9,3	15,3	-5,6	1,7
Há 12 meses ou mais	v.h. (%)	18,4	30,7	20,5	15,2	5,0	0,9	1,8

Apesar do clima recessivo constatado no mercado de trabalho, os salários aumentaram, em termos homólogos reais, em Portugal e na Região Centro, 3,4% e 3,3%, respectivamente (Quadro 5). No entanto, há que atentar ao facto de, no terceiro trimestre de 2009, os preços terem descido novamente, o que poderá ter empolado o crescimento dos salários em termos reais. Denotou-se ainda que o salário médio líquido mensal dos trabalhadores por conta de outrem na Região Centro (683€) foi superior em valor ao evidenciado nos trimestres anterior e homólogo, continuando abaixo do registado para o país (761€).

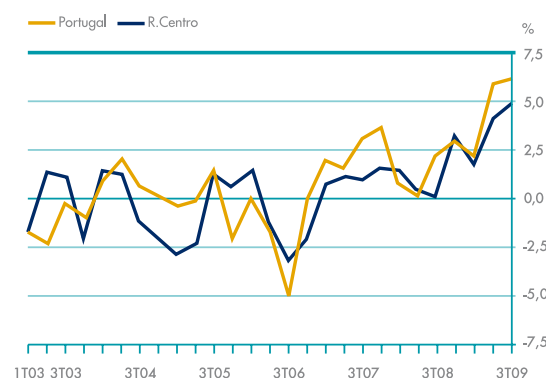
¹² O Índice de Custo do Trabalho definido pelo INE corresponde ao custo médio da mão-de-obra, na óptica do empregador, dado por hora efectivamente trabalhada. Abarca o custo das remunerações directas e principais benefícios (salários, prémios, bónus, etc.) e outros encargos suportados pela entidade patronal.

O Índice de Custo do Trabalho¹² teve variações homólogas reais também positivas (inclusivamente, maiores do que as registadas no trimestre anterior) e superiores às dos salários, concluindo-se que o custo médio do trabalho, na óptica do empregador, cresceu mais do que as remunerações directas dos empregados.

Salário médio líquido mensal em Portugal e na Região Centro
(variação homóloga real)



Índice de Custo do Trabalho em Portugal e na Região Centro
(variação homóloga real)



		3T09	2T09	1T09	4T08	3T08	2008	2007
Quadro 5 – Salários e Custos do Trabalho								
Salário médio líquido mensal (trabalhadores por conta de outrem)								
Portugal	€	761	766	757	765	747	746	725
	v.h. real (%)	3,4	5,1	2,9	4,7	0,7	0,3	-0,5
Região Centro	€	683	669	657	652	671	653	654
	v.h. real (%)	3,3	5,4	1,4	0,7	0,7	-2,7	-1,8
Índice de Custo do Trabalho								
Portugal	v.h. real (%)	6,1	5,9	2,2	3,0	2,2	1,6	2,7
Região Centro	v.h. real (%)	4,9	4,2	2,0	3,2	0,2	1,3	1,1

DESEMPREGO REGISTADO

No terceiro trimestre de 2009, na Região Centro, o desemprego registado evidenciou um forte crescimento face ao trimestre homólogo. Este acréscimo não poupou nenhuma NUTS III, afectando 90 dos 100 municípios da região. Contabilizaram-se, contudo, algumas melhorias face ao trimestre anterior, tendo a taxa de desemprego registado¹³ na região baixado de 6,1% para 6,0%.

Os dados do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) apontam para um cenário menos negativo no que toca ao desemprego registado no terceiro trimestre de 2009 na Região Centro. Com efeito, o número de desempregados inscritos nos centros de emprego, apesar de apresentar uma variação face ao mesmo período do ano anterior na ordem dos 21,7%, baixou em relação ao segundo trimestre de 2009, fixando-se nos 93,8 milhares de indivíduos (Quadro 6). A taxa de desemprego registado verificou assim uma ligeira descida em comparação com esse período, passando para 6,0%. Porém, voltou a haver um aumento de novos desempregados registados, que somaram mais de 40 mil pessoas, tendo, por outro lado, aumentado as colocações por parte do IEFP em 0,7% face ao terceiro trimestre de 2008.

¹³ A taxa de desemprego registado foi construída tendo em conta o rácio entre o desemprego registado (dados do IEFP) e a população média no grupo etário dos 15 – 64 anos, por município ou região, no ano de 2008 (dados do INE). Devido à sua fórmula de cálculo, a taxa de desemprego registado não deve, por isso, ser comparada com a taxa de desemprego divulgada pelo INE. No Inquérito ao Emprego realizado pelo INE, os valores referem-se à estimativa efectuada da população desempregada e da população activa. No caso da taxa de desemprego registado, contabilizam-se os indivíduos que se registaram como desempregados no IEFP face ao total da população residente com idade compreendida entre os 15 e os 64 anos, independentemente de serem considerados ou não população activa.

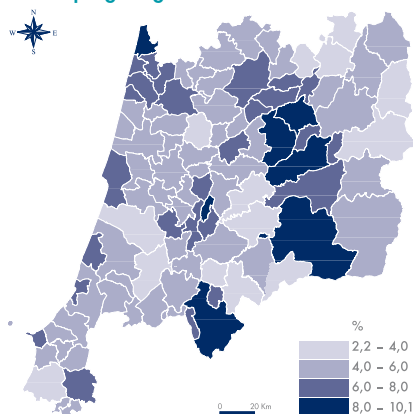
Quadro 6 – Desemprego Registrado

		3T09	2T09	1T09	4T08	3T08	2008	2007
Dados do IEFP – Região Centro								
Desemprego registado	milhares	93,8	94,8	92,8	80,9	77,1	77,5	77,6
	v.h. (%)	21,7	26,3	20,4	7,4	3,8	0,0	-7,7
Taxa de desemprego registado	%	6,0	6,1	5,9	5,2	4,9	5,0	5,0
Novos desempregados	milhares	40,1	33,1	41,3	37,9	36,8	34,1	29,5
	v.h. (%)	9,0	12,8	27,5	52,0	9,9	15,7	-41,2
Colocações do IEFP	milhares	7,1	5,3	4,2	5,8	7,1	6,1	5,7
	v.h. (%)	0,7	-8,9	-23,1	5,7	18,6	5,9	7,5

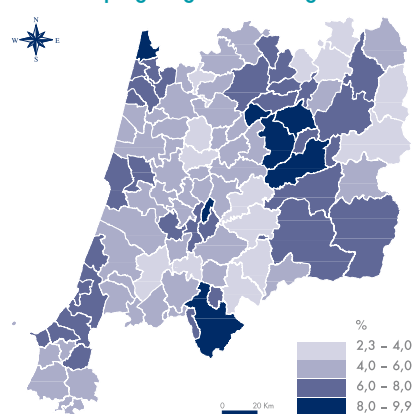
Muito embora a taxa regional de desemprego registado tenha diminuído face ao trimestre anterior, este indicador aumentou em relação ao terceiro trimestre de 2008. Numa análise por NUTS III, observou-se que, em termos homólogos, este aumento foi geral, tendo sido mais afectados o Baixo Vouga, a Cova da Beira e o Pinhal Litoral. O Baixo Vouga continuava a apresentar a taxa de desemprego registado mais elevada (8,1%), ao qual se juntavam o Oeste (6,9%) e Dão-Lafões (5,7%). Por outro lado, os menores acréscimos verificaram-se na Beira Interior Norte, no Pinhal Interior Sul e na Serra da Estrela, figurando com as melhores taxas de desemprego registado o Pinhal Interior Sul (0,5%), a Serra da Estrela (1,2%) e a Beira Interior Sul (1,4%).

Ao nível dos municípios, registou-se em 90 dos 100 municípios da região um acréscimo homólogo da taxa de desemprego registado. Evidenciou-se mesmo um valor desta taxa acima dos 10% no município da Covilhã. Este município, em conjunto com os municípios de Ovar e de Castanheira de Pera mantiveram-se com as maiores taxas de desemprego registado da Região Centro, respectivamente, 10,1%, 9,5% e 9,1%. Do lado oposto, posicionavam-se Mêda, mais uma vez, com uma taxa de 2,2%, e Pampilhosa da Serra (2,8%). Face ao mesmo trimestre do ano anterior, os maiores incrementos da taxa deram-se em Ovar e em Águeda e as maiores diminuições em Manteigas e em Vila Velha de Ródão.

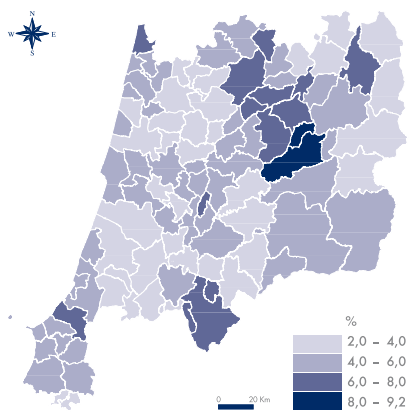
Taxa de desemprego registado no terceiro trimestre de 2009



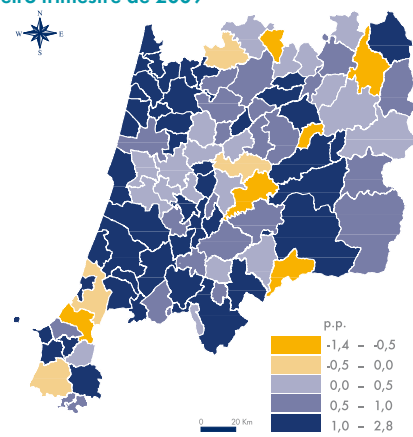
Taxa de desemprego registado no segundo trimestre de 2009



Taxa de desemprego registado no terceiro trimestre de 2008



Varição homóloga da taxa de desemprego registado no terceiro trimestre de 2009



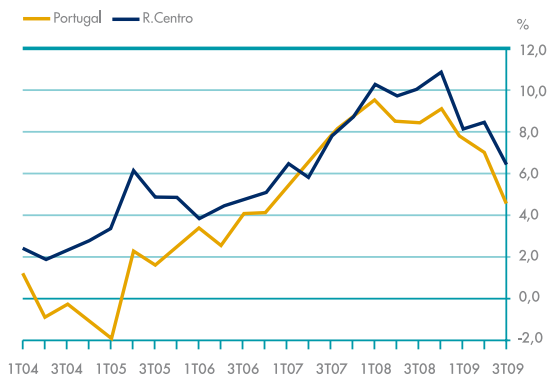
ENDIVIDAMENTO DAS EMPRESAS

Em Portugal e na Região Centro, no terceiro trimestre de 2009, o crescimento homólogo real dos empréstimos concedidos a empresas foi menor que nos trimestres anteriores e o crédito vencido em percentagem do crédito concedido foi superior, o que pode indiciar acréscimos de dificuldades das sociedades não financeiras. Na Região Centro, o incremento dos empréstimos concedidos continuou a superar o registado para Portugal, tendo-se, no entanto, igualado os valores em termos do rácio de crédito vencido.

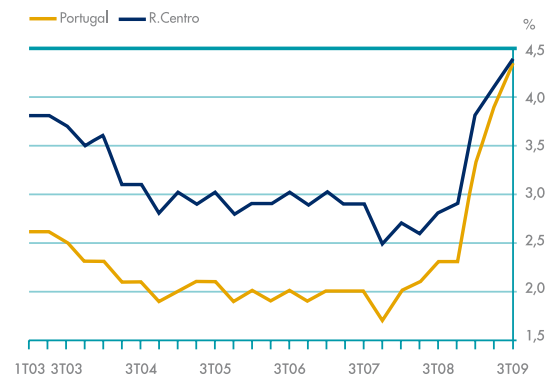
Apesar de se ter registado um crescimento homólogo real do crédito concedido às sociedades não financeiras no terceiro trimestre de 2009, este foi apenas de 4,6% em Portugal e de 6,4% na Região Centro (Quadro 7). Esta situação, combinada com a diminuição dos preços, evidencia o facto de as empresas poderem ter visto limitado o seu acesso ao crédito.

O crédito vencido destas sociedades, por outro lado, continuou a aumentar no total de crédito concedido, subindo este rácio, em Portugal e na Região Centro, para 4,4%, pelo que se conclui que as empresas poderão ter sentido mais dificuldades em cumprir os seus compromissos financeiros.

Empréstimos concedidos a sociedades não financeiras
(variação homóloga real)



Crédito vencido das sociedades não financeiras no total do crédito concedido



Quadro 7 – Endividamento das Empresas

		3T09	2T09	1T09	4T08	3T08	2008	2007	
								Média trimestral	
Empréstimos concedidos a sociedades não financeiras									
Portugal	milhões €	122.664	123.364	121.882	121.169	119.017	117.468	105.202	
	v.h. real (%)	4,6	7,1	7,7	9,0	8,5	8,8	7,1	
Região Centro	milhões €	18.946	18.938	18.503	18.442	18.058	17.810	15.751	
	v.h. real (%)	6,4	8,5	8,1	10,8	10,2	10,2	7,2	
Crédito vencido (em percentagem do crédito concedido)									
Portugal	%	4,4	3,9	3,3	2,3	2,3	2,2	1,9	
Região Centro	%	4,4	4,1	3,8	2,9	2,8	2,8	2,8	

COMÉRCIO INTERNACIONAL DE BENS

No terceiro trimestre de 2009 voltaram-se a registar variações reais negativas¹⁴ dos fluxos internacionais de bens, sobretudo no que toca ao mercado extra-comunitário. A contracção do comércio foi, em geral, no entanto, mais atenuada do que no trimestre anterior. As saídas e exportações dos operadores com sede na Região Centro evoluíram mais favoravelmente do que no todo nacional, acontecendo, porém, a situação contrária no caso das entradas e importações.

No terceiro trimestre de 2009, as saídas e exportações baixaram, em termos reais, em Portugal e na Região Centro, 10,5% e 1,5%, respectivamente. Estas variações foram, em ambos os casos, menos negativas do que as verificadas no trimestre anterior, com especial incidência para a Região Centro que, no segundo trimestre de 2009, tinha registado uma variação homóloga de 16,3% (Quadro 8). Numa análise por mercado de destino, evidenciaram-se os fluxos para o mercado intra-comunitário por apresentarem quebras inferiores às dos fluxos para países fora da União Europeia. Com efeito, na Região Centro, as saídas intra-comunitárias registaram, após sucessivas diminuições homólogas nos trimestres anteriores, uma variação nula, enquanto que as exportações extra-comunitárias caíram 6,7%. As exportações extra-comunitárias registaram pelo segundo trimestre consecutivo uma quebra homóloga após um crescimento médio em 2008 de 17,3%.

Nos fluxos de saída de bens da Região Centro, em termos globais, verificou-se que em todas as secções da Nomenclatura Combinada consideradas¹⁵, nos casos em que houve quebras homólogas, estas foram menores do que no trimestre anterior. Registaram-se crescimentos em secções que tinham apresentado diminuições durante 2008 e os dois primeiros trimestres de 2009, designadamente “plástico, borracha e suas obras”, “indústrias alimentares, bebidas e tabaco” e “indústrias químicas e conexas”. O maior incremento real ao nível das saídas e exportações deu-se, porém, novamente nas “pastas de madeira e papel”.

Para o total das entradas e importações, em Portugal e na Região Centro apuraram-se também menores diminuições homólogas reais do que as registadas no segundo trimestre de 2009, sendo estas, todavia, ainda significativas. Na região, esta diminuição foi de 18,9%, o que se deve a uma quebra de 16,6% no mercado intra-comunitário e de 29,5% no mercado extra-comunitário. Em Portugal, globalmente, estes fluxos baixaram 8,4%, contracção para a qual contribuiram sobretudo as importações extra-comunitárias, que sofreram uma variação de -33,0%, enquanto que as entradas intra-comunitárias apenas diminuíram 2,7%.

Na Região Centro, tendo em conta as variações homólogas das entradas e importações por secções de Nomenclatura Combinada, destacaram-se positivamente as secções “produtos animais”, “madeira, carvão vegetal, cortiça e suas obras; obras de espartaria ou de cestaria” e as “indústrias químicas e conexas”. Pelo contrário, com as quebras homólogas reais mais acentuadas neste terceiro trimestre de 2009, evidenciaram-se os “metais comuns e suas obras” e as “máquinas e aparelhos, material eléctrico, aparelhos de som e imagem e suas partes e acessórios”. Destacou-se ainda a secção das “indústrias alimentares, bebidas e tabaco”, que apresentou uma quebra de 4,3%, num trimestre em que as variações foram menos negativas do que anteriormente e quando tinha sido a única secção das consideradas com incrementos nos últimos trimestres.

¹⁴ As taxas de variação real destas variáveis foram calculadas, na região e em Portugal, com base nos deflatores de Contas Nacionais específicos desses fluxos.

¹⁵ As secções da Nomenclatura Combinada consideradas foram escolhidas em função dos montantes transaccionados no início de 2007 e no final de 2008, no que toca quer a exportações quer a importações.

Quadro 8 – Comércio Internacional de Bens

		3T09	2T09	1T09	4T08	3T08	2008	2007	
								Média trimestral	
Saídas e Exportações									
Portugal	milhões €	7.808,4	7.614,3	7.396,7	8.453,9	9.480,4	9.490,3	9.397,2	
	v.h. real (%)	- 10,5	- 19,3	- 23,3	- 11,6	1,4	- 1,4	n.d.	
Intra-comunitárias	milhões €	5.697,5	5.765,8	5.611,3	6.000,5	6.798,8	7.001,5	7.205,0	
	v.h. real (%)	- 8,9	- 18,4	- 24,4	- 17,0	- 3,5	- 5,1	n.d.	
Extra-comunitárias	milhões €	2.110,9	1.848,5	1.785,3	2.453,4	2.681,5	2.488,8	2.192,2	
	v.h. real (%)	- 14,5	- 22,2	- 19,3	5,2	16,6	10,9	n.d.	
Região Centro	milhões €	1.467,6	1.468,1	1.431,0	1.506,1	1.619,2	1.714,6	1.775,3	
	v.h. real (%)	- 1,5	- 16,3	- 20,5	- 17,2	- 6,0	- 5,7	n.d.	
Intra-comunitárias	milhões €	1.150,1	1.160,8	1.121,3	1.116,1	1.249,4	1.361,7	1.481,6	
	v.h. real (%)	0,0	- 18,6	- 25,7	- 25,7	- 12,1	- 10,2	n.d.	
Extra-comunitárias	milhões €	317,5	307,4	309,7	390,0	369,8	352,9	293,7	
	v.h. real (%)	- 6,7	- 6,6	6,5	22,6	22,9	17,3	n.d.	
Totais (Intra + extra-comunitárias)									
Produtos animais	v.h. real (%)	- 9,9	- 25,3	- 17,5	- 3,3	- 2,5	3,0	n.d.	
Indústrias alimentares, bebidas e tabaco	v.h. real (%)	6,2	- 0,4	- 4,6	- 8,0	0,5	2,4	n.d.	
Indústrias químicas e conexas	v.h. real (%)	4,2	- 10,5	- 31,0	- 18,2	- 8,5	- 11,2	n.d.	
Plástico, borracha e suas obras	v.h. real (%)	30,2	- 10,9	- 21,6	- 24,7	- 7,5	- 8,4	n.d.	
Madeira, carvão vegetal, cortiça e suas obras; obras de espartaria ou de cestaria	v.h. real (%)	- 15,9	- 33,6	- 39,0	- 20,8	- 20,1	- 15,7	n.d.	
Pastas de madeira e papel	v.h. real (%)	131,1	92,8	144,1	7,4	17,9	13,5	n.d.	
Matérias têxteis e suas obras	v.h. real (%)	- 7,9	- 13,5	- 13,5	- 22,7	- 8,8	- 7,9	n.d.	
Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes; produtos cerâmicos; vidro e suas obras	v.h. real (%)	- 5,3	- 13,9	- 20,9	- 16,6	- 6,8	- 7,1	n.d.	
Metais comuns e suas obras	v.h. real (%)	- 19,7	- 30,8	- 30,8	- 20,8	- 6,0	- 4,8	n.d.	
Máquinas e aparelhos, material eléctrico, aparelhos de som e imagem e suas partes e acessórios	v.h. real (%)	- 10,6	- 21,4	- 24,7	- 11,2	- 5,4	- 2,1	n.d.	
Material de transporte	v.h. real (%)	- 20,6	- 32,3	- 42,2	- 30,9	- 8,7	- 12,0	n.d.	
Entradas e Importações									
Portugal	milhões €	12.403,3	11.931,0	11.950,3	14.285,2	15.431,0	15.293,6	14.263,9	
	v.h. real (%)	- 8,4	- 16,1	- 16,1	- 5,8	3,6	2,3	n.d.	
Intra-comunitárias	milhões €	9.559,0	9.160,1	9.501,9	10.922,0	10.597,8	11.134,9	10.646,0	
	v.h. real (%)	- 2,7	- 10,8	- 10,1	- 4,8	0,0	- 0,2	n.d.	
Extra-comunitárias	milhões €	2.884,3	2.770,9	2.448,4	3.363,2	4.833,2	4.158,7	3.617,9	
	v.h. real (%)	- 33,0	- 29,9	- 33,4	- 8,9	12,6	9,7	n.d.	
Região Centro	milhões €	1.182,0	1.247,0	1.234,0	1.463,6	1.660,8	1.713,3	1.708,5	
	v.h. real (%)	- 18,9	- 25,4	- 27,6	- 15,5	- 4,2	- 4,3	n.d.	
Intra-comunitárias	milhões €	997,9	1.016,9	1.017,0	1.200,7	1.363,3	1.397,0	1.400,1	
	v.h. real (%)	- 16,6	- 25,6	- 25,8	- 16,6	- 2,7	- 4,8	n.d.	
Extra-comunitárias	milhões €	184,1	230,0	217,0	262,9	297,5	316,3	308,4	
	v.h. real (%)	- 29,5	- 24,7	- 34,9	- 9,9	- 10,3	- 2,1	n.d.	
Totais (Intra + extra-comunitárias)									
Produtos animais	v.h. real (%)	18,1	- 30,9	- 19,3	- 14,3	- 20,4	- 12,3	n.d.	
Indústrias alimentares, bebidas e tabaco	v.h. real (%)	- 4,3	15,5	14,2	10,1	29,9	14,1	n.d.	
Indústrias químicas e conexas	v.h. real (%)	0,9	- 28,7	- 8,0	- 12,7	9,6	3,1	n.d.	
Plástico, borracha e suas obras	v.h. real (%)	- 14,6	- 17,8	- 31,3	- 14,2	- 10,1	- 10,8	n.d.	
Madeira, carvão vegetal, cortiça e suas obras; obras de espartaria ou de cestaria	v.h. real (%)	7,5	- 21,4	- 25,2	- 25,0	- 31,2	- 16,7	n.d.	
Pastas de madeira e papel	v.h. real (%)	- 11,8	- 9,0	- 19,1	- 7,9	6,1	3,0	n.d.	
Matérias têxteis e suas obras	v.h. real (%)	- 16,9	- 21,0	- 26,3	- 23,2	- 15,9	- 11,7	n.d.	
Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes; produtos cerâmicos; vidro e suas obras	v.h. real (%)	- 23,8	- 40,3	- 30,0	- 7,9	- 13,3	- 6,9	n.d.	
Metais comuns e suas obras	v.h. real (%)	- 36,1	- 41,2	- 34,6	- 21,5	- 10,7	- 9,9	n.d.	
Máquinas e aparelhos, material eléctrico, aparelhos de som e imagem e suas partes e acessórios	v.h. real (%)	- 35,3	- 26,3	- 28,6	- 7,4	3,8	4,2	n.d.	
Material de transporte	v.h. real (%)	- 19,0	- 28,5	- 40,2	- 24,3	- 5,6	- 8,2	n.d.	

n. d. – não determinado

TURISMO

O terceiro trimestre de 2009 foi menos positivo do que o mesmo período de 2008 no que respeita à actividade turística. Apesar de ser a época de férias por excelência e, por consequência, ter havido aumentos de hóspedes e dormidas em relação ao trimestre anterior, estes números ficaram aquém dos registados no terceiro trimestre de 2008, tanto na Região Centro como em Portugal.

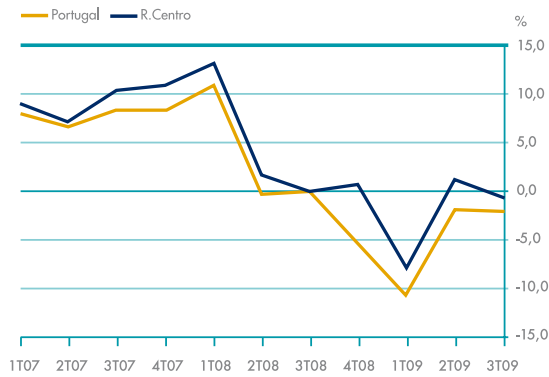
No terceiro trimestre de 2009, em Portugal e na Região Centro, houve um aumento do número de hóspedes face ao trimestre anterior, o que se deve ao facto de este trimestre ser um período habitual de férias. Contudo, este número foi inferior ao registado no mesmo trimestre de 2008 em 2,0% em Portugal e em 0,6% na região (Quadro 9). Na Região Centro, nos meses de Julho e Setembro, obteve-se ainda assim um ligeiro incremento homólogo do número de hóspedes, tendo estes sofrido uma diminuição mais forte em Agosto. Já para o país, a quebra deu-se logo no primeiro mês do trimestre, em Agosto o número de hóspedes foi sensivelmente o mesmo que em Agosto de 2008 e em Setembro voltou a cair face ao mesmo período do ano anterior, de forma ainda mais acentuada do que a observada em Julho.

As dormidas também foram em menor número no terceiro trimestre de 2009, em comparação com o mesmo trimestre de 2008, ainda que naturalmente superiores às registadas no trimestre anterior. Em Portugal registou-se um decréscimo do número de dormidas de 4,8% e na Região Centro de 2,1%.

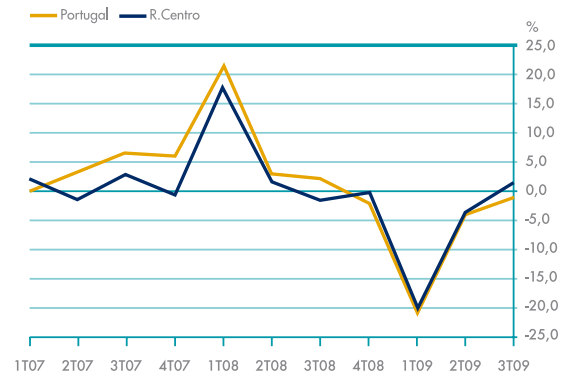
A estada média dos hóspedes em estabelecimentos hoteleiros, registou pouca variabilidade face ao trimestre homólogo e subiu em comparação com o trimestre anterior, tanto ao nível nacional como regional. Na Região Centro, este indicador manteve-se contudo abaixo do verificado no país: passaram-se em média 2,0 noites nos estabelecimentos hoteleiros da região enquanto que para Portugal esse valor foi, em média, de 3,1 noites.

Relativamente ao preço médio por dormida, na região este foi inferior ao nacional (30,4€ e 34,3€, respectivamente). Houve, contudo, uma aproximação dos mesmos, tendo o preço médio nacional por dormida descido em 1,0% em termos reais relativamente ao período homólogo, enquanto que o regional subiu em 1,3%, resultado apenas da influência da variação negativa dos preços.

Hóspedes em estabelecimentos hoteleiros em Portugal e na Região Centro (variação homóloga)



Preço médio da dormida (variação homóloga real)



Quadro 9 - Turismo

		3T09	2T09	1T09	4T08	3T08	2008	2007	
								Média trimestral	
Hóspedes em estabelecimentos hoteleiros									
Portugal	milhares	1.457,3	1.203,1	767,2	917,1	1.486,4	1.122,0	1.113,8	
	v.h. (%)	-2,0	-1,8	-10,7	-5,3	0,1	0,7	8,0	
Região Centro	milhares	229,4	186,1	123,6	156,2	230,7	176,2	171,1	
	v.h. (%)	-0,6	1,3	-7,9	0,8	0,1	3,0	9,6	
Dormidas em estabelecimentos hoteleiros									
Portugal	milhares	4.552,9	3.381,4	2.012,9	2.410,3	4.781,7	3.264,1	3.311,4	
	v.h. (%)	-4,8	-3,7	-14,4	-6,6	-2,0	-1,4	5,8	
Região Centro	milhares	454,6	340,9	201,7	281,7	464,2	323,8	320,9	
	v.h. (%)	-2,1	6,2	-11,7	-0,9	-1,9	0,9	9,8	
Estada média									
Portugal	n.º noites	3,1	2,8	2,6	2,6	3,2	2,9	3,0	
Região Centro	n.º noites	2,0	1,8	1,6	1,8	2,0	1,8	1,9	
Preço médio por dormida									
Portugal	€	34,3	31,6	28,1	32,2	35,2	34,0	31,3	
	v.h. real (%)	-1,0	-4,0	-20,6	-1,7	2,3	5,9	4,3	
Região Centro	€	30,4	28,1	28,4	28,9	30,5	31,0	28,9	
	v.h. real (%)	1,3	-3,2	-20,0	-0,5	-1,4	4,6	0,9	

CONSTRUÇÃO E HABITAÇÃO

Na construção e habitação, em Portugal e na Região Centro, verificou-se, no terceiro trimestre de 2009, uma diminuição no licenciamento de edifícios, em particular das construções novas com finalidade doméstica. Já os preços de manutenção e reparação regular da habitação aumentaram, embora mantendo uma tendência de crescimento cada vez menor. A avaliação bancária, por sua vez, aferia variações em sentidos diferentes nas várias NUTS III da região, não se definindo nenhum padrão de crescimento.

No terceiro trimestre de 2009, em comparação com igual período do ano anterior, apuraram-se menos edifícios licenciados no território português e na Região Centro (Quadro 10). Na região, salientou-se a quebra de construções novas licenciadas para habitação familiar, à semelhança do observado nos trimestres anteriores. No entanto, as quebras registadas neste trimestre foram relativamente menores do que as verificadas nos anteriores, podendo estar a definir-se uma tendência de recuperação do licenciamento de construções.

Na Região Centro, o número de novos fogos familiares licenciados sofreu novamente uma redução significativa, mas já menor do que a registada nos trimestres anteriores.

Os preços de manutenção e reparação regular da habitação continuaram a subir, apresentando, no entanto, um crescimento cada vez menor e mais homogéneo entre a Região Centro e Portugal.

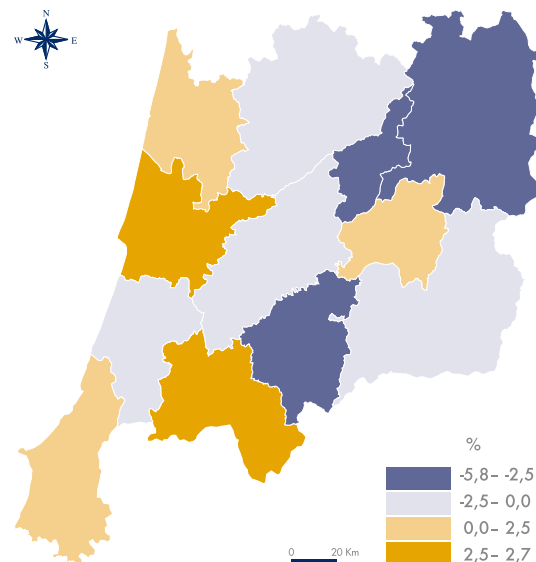
Quadro 10 – Construção e Habitação		3T09	2T09	1T09	4T08	3T08	2008	2007
		Média trimestral						
Edifícios licenciados								
Portugal	n.º	7.688	7.868	7.688	8.275	9.296	9.720	11.442
	v.h. (%)	- 17,3	- 24,3	- 29,6	- 23,5	- 17,5	- 15,1	- 5,5
Região Centro	n.º	2.444	2.504	2.396	2.480	2.760	2.885	3.306
	v.h. (%)	- 11,4	- 20,5	- 24,0	- 23,2	- 14,7	- 12,7	- 7,0
para habitação familiar	n.º	1.584	1.597	1.583	1.639	1.902	1.988	2.406
	v.h. (%)	- 16,7	- 26,9	- 28,9	- 29,5	- 19,0	- 17,4	- 8,8
Construções novas - Edifícios	n.º	1.624	1.629	1.604	1.715	2.023	2.092	2.479
	v.h. (%)	- 19,7	- 28,9	- 31,4	- 28,1	- 15,5	- 15,6	- 9,1
para habitação familiar	v.h. (%)	- 22,1	- 32,8	- 34,0	- 33,3	- 19,9	- 19,7	- 10,3
Edifícios concluídos								
Portugal	n.º	x	x	14.252	14.358	13.783	13.399	12.698
	v.h. (%)	x	x	14,2	8,7	6,7	5,5	17,2
Região Centro	n.º	x	x	4.322	4.349	4.085	3.985	3.707
	v.h. (%)	x	x	17,2	10,0	7,7	7,5	14,4
para habitação familiar	n.º	x	x	3.446	3.426	3.236	3.102	2.900
	v.h. (%)	x	x	20,9	13,7	8,5	7,0	12,7
Construções novas - Edifícios	n.º	x	x	3.364	3.464	3.292	3.200	2.996
	v.h. (%)	x	x	13,8	9,0	5,9	6,8	15,4
para habitação familiar	v.h. (%)	x	x	19,4	13,2	7,7	6,8	13,9
Novos fogos para habitação familiar - Região Centro								
Licenciados	v.h. (%)	- 30,6	- 45,9	- 39,6	- 49,4	- 34,2	- 30,4	- 9,4
Concluídos	v.h. (%)	x	x	22,6	21,8	6,7	9,4	17,2
Índice de Preços de Manutenção e Reparação Regular da Habitação								
Continente	v.h. (%)	1,7	2,1	2,8	3,3	3,0	3,1	3,1
Região Centro	v.h. (%)	1,4	1,8	2,1	2,4	2,2	2,4	3,2

x – não disponível

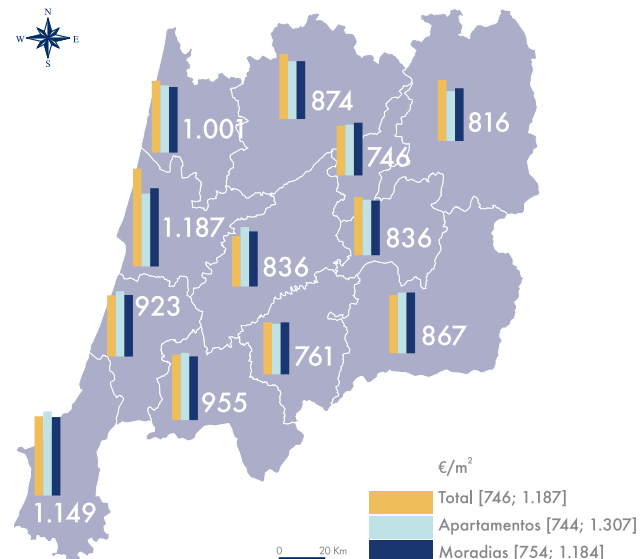
Quanto à avaliação bancária da habitação, numa análise por NUTS III, não foi possível identificar uma só tendência de crescimento ou diminuição no terceiro trimestre de 2009. As variações homólogas reais apuradas apontaram para comportamentos diferentes nas várias sub-regiões, destacando-se o Médio Tejo e o Baixo Mondego, onde o valor da habitação segundo a avaliação bancária, mais subiu (2,7%), e a Beira Interior Norte, que apresentou a maior quebra (de 5,8%).

Era, no entanto, na Serra da Estrela que a habitação se evidenciava menos valorizada pelos bancos no terceiro trimestre de 2009 (746€/m²), seguindo-se o Pinhal Interior Sul, cujo m² valia 761€. Pelo contrário, os valores mais altos da habitação segundo a avaliação bancária registaram-se no Baixo Mondego (1.187€/m²) e no Oeste (1.149€/m²). Era também nestas duas últimas sub-regiões que se encontravam os apartamentos e as moradias mais caras da região.

Taxa de variação homóloga real da avaliação bancária da habitação no terceiro trimestre de 2009



Avaliação bancária da habitação no terceiro trimestre de 2009



POLÍTICAS PÚBLICAS NA REGIÃO CENTRO

No âmbito do Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), a Região Centro acumulava, a 30 de Setembro de 2009, 26,0% do total de fundos comunitários aprovados no país.

No Programa Operacional Regional – Mais Centro, o maior número de projectos mantinha-se afecto ao eixo 1 – Competitividade, inovação e conhecimento. Este destacava-se também na distribuição do FEDER aprovado, em conjunto com os eixos 2 – Desenvolvimento das cidades e dos sistemas urbanos e 3 – Consolidação e qualificação dos espaços sub-regionais, sendo o fundo comunitário aprovado no eixo 3 inferior ao aprovado no eixo 2, o que não acontecia à data de 30 de Junho de 2009.

No período 2007-2013, são principalmente os instrumentos financeiros, Fundos Estruturais (FEDER – Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional e FSE – Fundo Social Europeu) e Fundo de Coesão, que asseguram a concretização dos objectivos da Convergência e da Competitividade Regional e do Emprego, em termos da Política de Coesão.

Portugal apresenta uma grande disparidade regional, em termos de desenvolvimento económico e social. Tomando como referência o PIB *per capita* em relação à média da União Europeia, as regiões portuguesas NUTS II encontram-se distribuídas, em termos de elegibilidade, em regiões de convergência quando esse valor é inferior a 75% da média da União Europeia (Norte, Centro, Alentejo e Açores); região *phasing-out* (Algarve); região *phasing-in* (Madeira) e região da competitividade e do emprego (Lisboa).

O QREN contempla três grandes Agendas Temáticas: Agenda para o Potencial Humano, Agenda para os Factores de Competitividade e Agenda para a Valorização do Território. A concretização das Agendas é assegurada pelos Programas Operacionais Temáticos: Potencial Humano (PO PH), Factores de Competitividade (PO FC) e Valorização do Território (PO VT); pelos Programas Operacionais Regionais do Continente e das Regiões Autónomas: Norte, Centro, Lisboa, Alentejo, Algarve, Açores e Madeira; pelos Programas Operacionais de Cooperação Territorial Transfronteiriça (Portugal-Espanha e Bacia do Mediterrâneo), Transnacional (Espaço Atlântico, Sudoeste Europeu, Mediterrâneo e Madeira-Açores-Canárias), Inter-regional e de Redes de Cooperação Inter-regional e ainda pelos Programas Operacionais de Assistência Técnica.

O Mais Centro encontra-se estruturado nos seguintes eixos:

- Eixo 1: Competitividade, inovação e conhecimento;
- Eixo 2: Desenvolvimento das cidades e dos sistemas urbanos;
- Eixo 3: Consolidação e qualificação dos espaços sub-regionais;
- Eixo 4: Protecção e valorização ambiental;
- Eixo 5: Governação e capacitação institucional;
- Eixo 6: Assistência técnica.

No âmbito do QREN, na Região Centro, até ao fim do terceiro trimestre de 2009, tinham sido apresentadas 10.802 candidaturas e aprovadas 5.291. As candidaturas aprovadas na região, que representavam 29,3% do total de candidaturas aprovadas no país, respeitam a um investimento total de 4.350,9 milhões de euros e a um valor de fundos comunitários aprovados de 2.118,4 milhões de euros (Quadro 11).

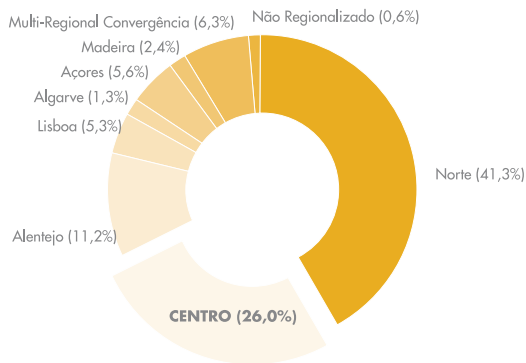
Na Região Centro, destacavam-se as candidaturas aprovadas referentes ao Programa Operacional Potencial Humano (PO PH) e ao Mais Centro. Também no que se refere aos fundos comunitários aprovados ressaltava a relevância destes dois programas operacionais, uma vez que representavam cerca de 38,7% e 28,7%, respectivamente, do total de fundos comunitários aprovados na região.

Comparativamente às restantes regiões do país, a Região Centro era uma das que apresentava maior valor de fundos comunitários aprovados no âmbito do QREN (26,0% do total dos fundos comunitários aprovados no país), sendo apenas superada pela Região Norte com 41,3%. No que se refere apenas aos Programas Operacionais Temáticos, e relativamente às restantes regiões de convergência, a Região Centro mantinha a sua posição na distribuição dos fundos comunitários aprovados, registando valores inferiores aos do Norte e superiores aos do Alentejo.

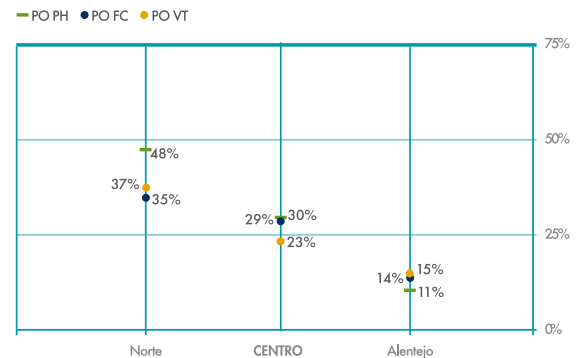
Quadro 11 – O QREN na Região Centro
(30 de Setembro de 2009)

		Região Centro				
		QREN (total)	Mais Centro	PO PH	PO FC	PO VT
Candidaturas apresentadas	n.º	10.802	2.459	7.160	924	259
	% no total nacional	28,0	22,9	30,0	29,8	35,2
Investimento (custo) total	milhares €	11.524.031	4.188.483	3.173.934	3.049.037	1.112.577
	% no total nacional	29,5	32,2	28,0	32,9	20,6
Candidaturas aprovadas	n.º	5.291	1.078	3.718	416	79
	% no total nacional	29,3	23,0	31,9	30,5	36,1
Investimento (custo) total	milhares €	4.350.915	1.241.829	1.212.969	1.487.807	408.309
	% no total nacional	27,1	24,3	29,4	29,8	23,2
Investimento (custo) elegível	milhares €	3.846.613	998.209	1.212.969	1.262.165	373.270
	% no total nacional	26,8	23,4	29,4	29,1	24,0
Fundo comunitário	milhares €	2.118.440	607.090	820.020	430.041	261.289
	% no QREN (total) da região	100,0	28,7	38,7	20,3	12,3
	% no total nacional	26,0	22,3	29,7	28,9	23,4

Distribuição dos fundos comunitários aprovados por região
(30 de Setembro de 2009)



Relevância das três regiões de convergência do Continente nos fundos comunitários aprovados pelos Programas Operacionais Temáticos (30 de Setembro de 2009)



Adaptado de: Comissão Técnica de Coordenação do QREN, "Indicadores Conjunturais de Monitorização: Boletim Informativo n.º 5", pág. 12

No Mais Centro, o número de concursos e de períodos de candidatura abertos até 30 de Setembro de 2009 foi de 224, a que correspondeu um valor acumulado de fundo a concurso de cerca de 1.139 milhões de euros, ou seja, 66,9% da dotação total de fundo FEDER do Programa Operacional Regional (Quadro 12).

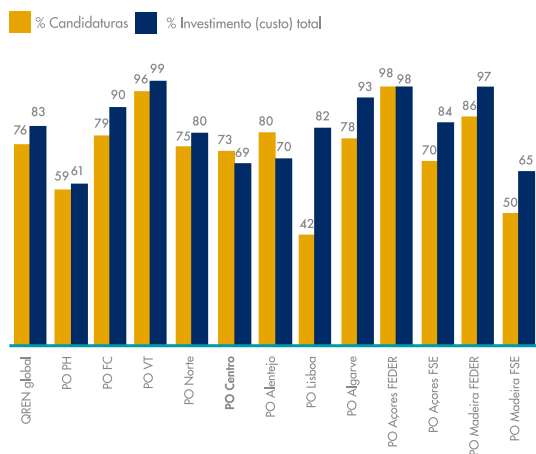
Na monitorização do Mais Centro, aferiu-se ainda que, a 30 de Setembro de 2009, a taxa de admissibilidade das candidaturas (candidaturas admitidas em percentagem das apresentadas) se manteve face à registada em Junho de 2009.

Considerando a taxa de aprovação líquida, ou seja, a proporção de candidaturas aprovadas no total de candidaturas admitidas, verificou-se que este indicador era de 73%, em termos do número de candidaturas, e 69%, quanto ao custo total destes projectos, aumentando assim face ao registado nos trimestres anteriores do ano. Relativamente à contratação, o peso das candidaturas contratadas no total de candidaturas aprovadas (taxa de contratação) baixou, ligeiramente, para 63% no caso do número de candidaturas e aumentou para 69%, no que respeita ao custo total envolvido nos projectos.

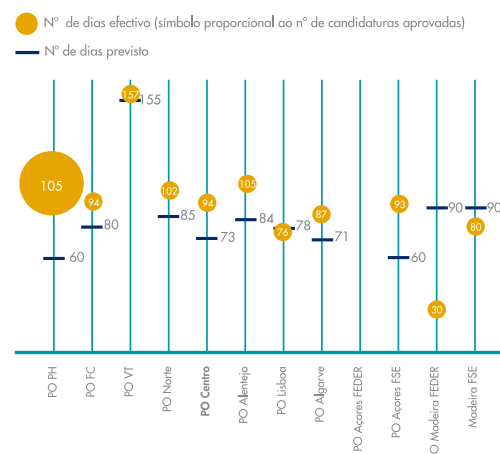
Em Setembro de 2009, o tempo médio de decisão do Mais Centro era de 94 dias, ficando aquém do observado nos programas operacionais regionais das restantes duas regiões de convergência do Continente – Norte e Alentejo.

Quadro 12 – Monitorização do Mais Centro (valores acumulados)		Setembro 2009	Junho 2009	Março 2009
Processo de selecção				
Total de concursos e períodos de candidatura	n.º	224	182	66
Fundo a concurso	milhares €	1.138.609	1.045.755	542.834
	% da dotação	66,9	61,5	31,9
Indicadores técnicos				
Taxa de admissibilidade	% de candidaturas	78	78	91
	% investimento (custo) total	82	82	89
Taxa de aprovação líquida	% de candidaturas	73	70	51
	% investimento (custo) total	69	67	52
Taxa de contratação	% de candidaturas	63	64	67
	% investimento (custo) total	69	51	59

Taxa de aprovação líquida das candidaturas por Programa Operacional (30 de Setembro de 2009)



Tempo médio de decisão por Programa Operacional (30 de Setembro de 2009)



Fonte: Comissão Técnica de Coordenação do QREN, "Indicadores Conjunturais de Monitorização: Boletim Informativo n.º 5", pág. 16

Numa análise por NUTS III, salientam-se as sub-regiões do litoral, em especial o Baixo Vouga e o Pinhal Litoral, que lideravam no que se refere ao número de projectos aprovados no âmbito do Mais Centro (186), às quais se seguia, em 30 de Setembro de 2009, o Baixo Mondego (com 182 projectos). Nestas sub-regiões, tal como nas restantes, o eixo 1 foi o predominante em termos do número de projectos aprovados. O eixo 3 assumiu também grande importância na maior parte das NUTS III da região.

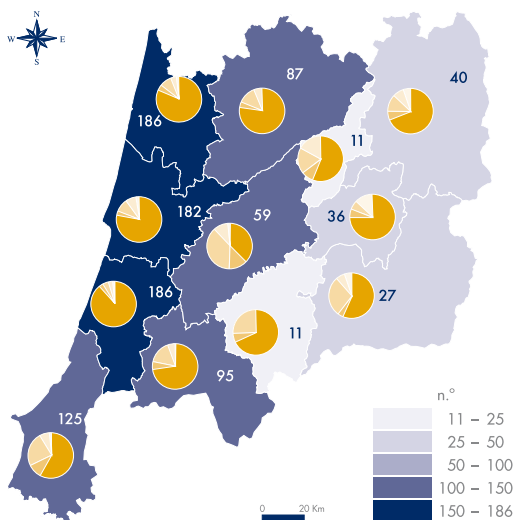
Quanto ao fundo comunitário associado a estes projectos, a sub-região com mais montantes aprovados (138,5 milhões de euros) foi o Baixo Mondego, como acontecia a 30 de Junho de 2009, contrapondo-se assim ao Pinhal Interior

Sul, com cerca de 4,7 milhões de euros de fundo comunitário aprovado. Destacavam-se novamente os eixos 1, 2 e 3, uma vez que o fundo aprovado nos eixos 4 e 5 se manteve com pouca expressão na região.

Analisando a distribuição sub-regional do fundo comunitário por habitante, realçou-se a importância do Baixo Mondego e da Serra da Estrela, que em termos totais figurava como uma das menos privilegiadas.

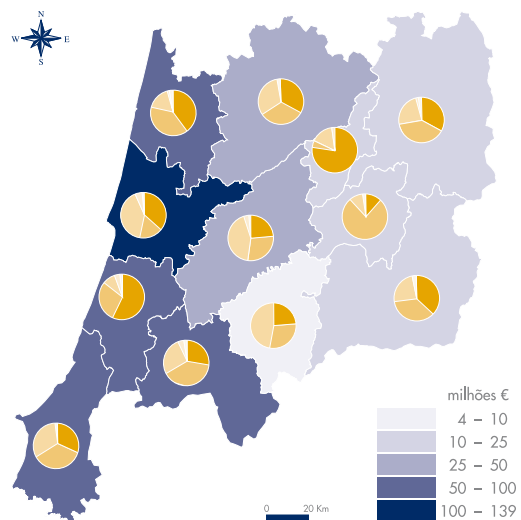
Estas duas sub-regiões destacavam-se novamente pela elevada dimensão média dos projectos aprovados no âmbito do Mais Centro, com projectos que, a 30 de Setembro de 2009, requeriam, em média, um fundo acima de 750 mil euros por projecto.

Projectos aprovados no âmbito do Mais Centro
(30 de Setembro de 2009)



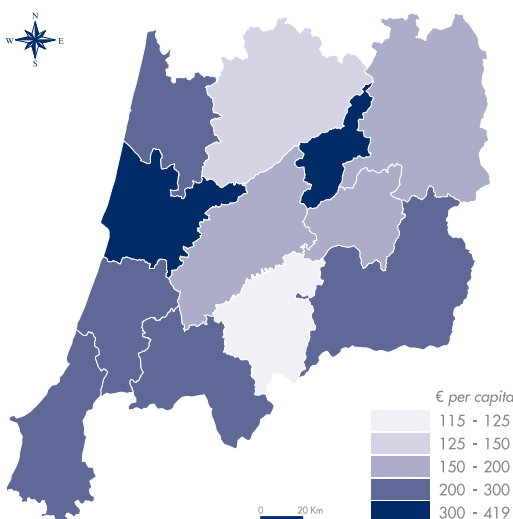
- Eixo 1 - Competitividade, inovação e conhecimento
- Eixo 2 - Desenvolvimento das cidades e dos sistemas urbanos
- Eixo 3 - Consolidação e qualificação dos espaços sub-regionais
- Eixo 4 - Protecção e valorização ambiental
- Eixo 5 - Governação e capacitação institucional

Fundo comunitário atribuído aos projectos no âmbito do Mais Centro
(30 de Setembro de 2009)

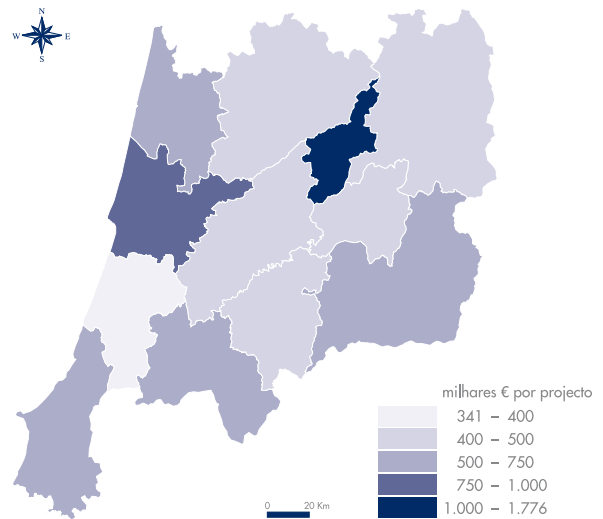


- Eixo 1 - Competitividade, inovação e conhecimento
- Eixo 2 - Desenvolvimento das cidades e dos sistemas urbanos
- Eixo 3 - Consolidação e qualificação dos espaços sub-regionais
- Eixo 4 - Protecção e valorização ambiental
- Eixo 5 - Governação e capacitação institucional

Fundo comunitário per capita no âmbito do Mais Centro
(30 de Setembro de 2009)



Fundo comunitário por projecto no âmbito do Mais Centro
(30 de Setembro de 2009)



PROGRAMA DE INICIATIVA COMUNITÁRIA URBACT II 2007-2013

Na promoção do desenvolvimento urbano sustentável com base no intercâmbio de experiências, o Programa URBACT II realizou já duas convocatórias para a apresentação de candidaturas. Na sequência da primeira convocatória, contam-se, à data, dois projectos concluídos e 26 projectos em fase de implementação. No âmbito da segunda convocatória, foram aprovados 16 novos projectos, em Novembro de 2009, encontrando-se estes em fase de desenvolvimento.

O programa europeu de cooperação territorial URBACT II faz parte da política europeia de coesão e os seus principais beneficiários são as cidades, as autoridades públicas (nacionais, regionais e locais), as universidades e os centros de investigação dos 27 Estados Membros da União Europeia e ainda dos Estados Parceiros Noruega e Suíça.

Este Programa de Iniciativa Comunitária, que decorre no período 2007-2013, tem como objectivo principal melhorar a eficácia das políticas de desenvolvimento urbano sustentável na Europa, com vista à implementação da Estratégia de Lisboa-Gotemburgo, no que concerne à competitividade, ao crescimento e ao emprego. Visa, pois, a criação de soluções pragmáticas e de boas práticas para os desafios urbanos que podem surgir em cada cidade, nas dimensões ambiental, social e económica, aproveitando o conhecimento e experiência adquiridos por outras que podem ser adaptados ao seu próprio contexto.

O URBACT II é co-financiado pelo FEDER e por contribuições nacionais dos estados beneficiários (em percentagem da população de cada um), tendo uma dotação total de 68,8 milhões de euros.

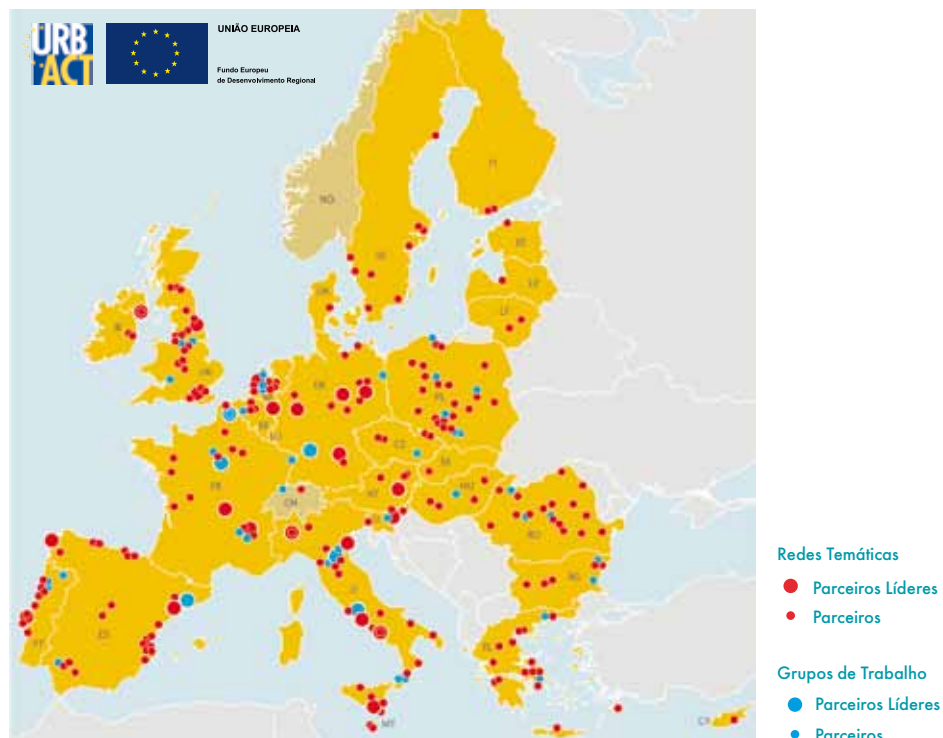
Na prossecução dos seus objectivos, os participantes podem organizar-se de duas formas distintas – em redes temáticas ou em grupos de trabalho – que diferem pelo número de membros, a duração do projecto e o seu financiamento. As redes temáticas e os grupos de trabalho actuam a nível local e participam no desenvolvimento de actividades de capitalização e disseminação no quadro de pólos temáticos. Até à data, foram criados três pólos temáticos:

- Cidades, motores de crescimento e criação de emprego;
- Cidades, inclusão social e governança;
- Cidades, desenvolvimento urbano integrado e sustentável.

O programa de cooperação territorial URBACT II realizou, até à data, duas convocatórias para apresentação de candidaturas. Da primeira convocatória do programa, resultaram 28 projectos, dois dos quais já se encontram concluídos, um deles com participação de uma entidade nacional (projecto *MILE – Managing migration and Integration at local Level* – no município da Amadora, na Região de Lisboa). Estes eram projectos-piloto com a marca *fast track*, marca atribuída pelo impacto que lhes é imputado em matéria da iniciativa da Comissão Europeia “*Regions for Economic Change*”. Os restantes 26 projectos estão em fase de implementação, contando nove deles com participação de parceiros portugueses.

Os nove projectos em implementação com participação de entidades portuguesas contam com um investimento total de 4,7 milhões de euros e uma comparticipação FEDER de 3,5 milhões de euros (Quadro 13). A Região Centro destaca-se nestes projectos pela participação de entidades nela localizadas em cinco deles, todos inseridos no pólo temático “Cidades, motores de crescimento e criação de emprego”. Na esfera regional, realça-se ainda o facto de o município de Óbidos ser o parceiro líder de um destes projectos – *Creative Clusters*.

Os parceiros do URBACT II (primeira convocatória)



Fonte: URBACT Brochure, edição nº 3 (Janeiro de 2009), pág. 2

Quadro 13 – Implementação URBACT II em Portugal (primeira convocatória)	Parceiros participantes	Região NUTS II	Investimento aprovado no projecto (milhares €)	FEDER aprovado no projecto (milhares €)
Pólo Cidades, motores de crescimento e criação de emprego				
Creative Clusters	Município de Óbidos (parceiro líder)	Centro	634	474
	INTELI	Lisboa		
Fin-Urb-Act – Integrated urban action for fostering and financing innovative economies and SMEs	Município de Aveiro	Centro	663	494
RUnUp – Role of Universities in Urban Poles	Município de Águeda	Centro	647	470
UNIC – Urban Network for Innovation in Ceramics	Município de Aveiro	Centro	634	463
Urban NOSE – Network of Social Enterprises	Município de Alcobaça	Centro	684	515
Pólo Cidades, inclusão social e governança				
JESSICA 4 Cities	Porto Vivo – SRU Sociedade de Reabilitação Urbana, S.A.	Norte	260	191
Pólo Cidades, desenvolvimento urbano integrado e sustentável				
CTUR – Cruise Traffic and Urban Regeneration	Município de Matosinhos	Norte	668	510
	Autoridade Portuária de Leixões	Norte		
EGTC – Expertising Governance for Transfrontier Conurbations	Município de Chaves	Norte	258	175
HOPUS – Housing Praxis for Urban Sustainability	Universidade do Minho	Norte	250	188
TOTAL			4.698	3.480

Redes temáticas

Grupos de trabalho

Fonte: URBACT II – List of Beneficiaries, extraída de www.urbact.eu à data de 18 de Janeiro de 2010

Na segunda convocatória do URBACT II, em Novembro de 2009, foram aprovados 16 novos projectos, dos quais três com a participação de entidades portuguesas:

- o município da Amadora, da Região de Lisboa, no projecto *Roma Net*¹⁶;
- o município de Alcobaça, da Região Centro, no projecto *SURE*¹⁷ e
- o município da Covilhã, da Região Centro, no projecto *TOGETHER*¹⁸.

Estes três novos projectos nacionais encontram-se ainda em fase de desenvolvimento.

¹⁶ *Integration of Roma population.*

¹⁷ *Fostering diversification of local economies by using innovative Socio-economic methods of Urban Rehabilitation in deprived urban areas.*

¹⁸ *Developing coresponsibility for social inclusion and well-being of all.*



[DINÂMICAS REGIONAIS NA REGIÃO CENTRO]

A REGIÃO CENTRO NO CONTEXTO NACIONAL E REGIONAL

A Região Centro, segundo a Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS), é uma das sete regiões NUTS II do país. Está dividida em 12 sub-regiões NUTS III, de acordo com a sua configuração de Novembro de 2002¹⁹, que inclui já o Médio Tejo e o Oeste, compreendendo assim 100 municípios. Concentra cerca de 22,4% da população total residente no país e 30,6% da sua área total. Em termos territoriais, a Região Centro usufrui de uma posição estratégica, por se situar entre os dois principais pólos urbanos nacionais (Lisboa e Porto) e pela sua centralidade geográfica no acesso ao resto da Europa e do mundo, estando também, em termos gerais, bem servida do ponto de vista das acessibilidades.

A abordagem às dinâmicas da região, neste boletim, consiste em caracterizar a Região Centro do ponto de vista demográfico, social e económico, numa lógica comparativa face às restantes regiões NUTS II e ao país, com base em indicadores escolhidos pela sua relevância nestas três áreas para reflectir características que lhe são estruturais. O objecto de análise incide na região no seu conjunto e não com as especificidades intra-regionais existentes.

Os indicadores são apresentados sempre como índices relativizados face ao valor médio nacional (Portugal=100) para facilitar a análise do posicionamento da Região Centro no contexto nacional e regional, não sendo aqui apresentado o valor obtido directamente no cálculo do indicador. Assim, por exemplo, no indicador “Proporção de empresas com actividades de inovação” o valor da região era de 47,2% e o nacional era de 40,6%. Isto significa, que a região apresentava, em índice, um valor de 116 face à referência nacional 100, ou seja, que se encontrava 16% acima da média nacional²⁰. Note-se que na generalidade dos indicadores, quanto maior for o valor registado pelo índice, melhor é a situação relativa da região. No entanto, existem excepções a esta regra, em que quanto maior o valor registado pelo índice, pior se encontra posicionada, em termos relativos, a região²¹.

Tendo em conta a dinâmica populacional, a Região Centro caracteriza-se por apresentar no seu todo uma baixa densidade populacional que resulta da existência na região de uma assimetria intra-regional caracterizada por uma desertificação do interior (com excepção dos centros urbanos aí localizados) em contraste com o litoral mais populoso e urbanizado. Além disso, apesar da Região Centro assentar numa organização polinucleada de cidades, territorialmente

¹⁹ Decreto-Lei n.º 244/2002, de 5 de Novembro.

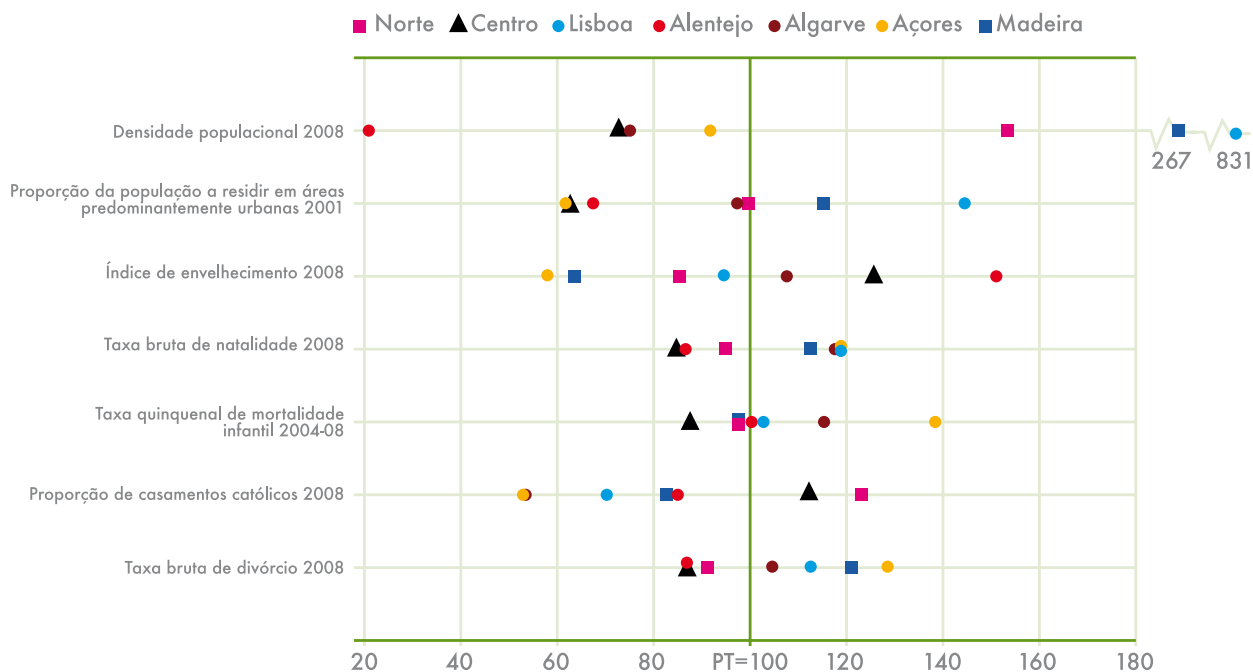
²⁰ $(\text{Valor da região} / \text{Valor de Portugal}) \times (\text{Valor de referência de Portugal} = 100)$.

²¹ Nomeadamente os indicadores: índice de envelhecimento, taxa de mortalidade infantil, pensionistas por habitante, beneficiários do Rendimento Social de Inserção por habitante, resíduos sólidos urbanos por habitante e taxa de desemprego.

bem distribuídas, denota-se o predomínio de centros urbanos de dimensão média, o que coloca a região na posição mais baixa em termos relativos no que toca à proporção da população a residir em áreas predominantemente urbanas, a par com os Açores, segundo a Tipologia das Área Urbanas, definida com base na informação dos Censos de 2001.

Da análise dos indicadores demográficos seleccionados, ressalta também que a Região Centro apresenta ainda algumas fragilidades na sua estrutura demográfica. De facto, a população da região é uma população envelhecida, como se constata pelo facto de a região apresentar em 2008 o segundo índice de envelhecimento mais alto e a menor taxa bruta de natalidade, quando comparada com as restantes regiões portuguesas. De forma positiva, a Região Centro destaca-se, ao nível demográfico, pela taxa quinquenal de mortalidade infantil 2004-08, que é a menor registada ao nível das NUTS II. Além disso, foi na Região Centro que se registou, em 2008, a segunda maior proporção de casamentos católicos e a taxa bruta de divórcio mais baixa.

A Região Centro no contexto nacional e regional – Indicadores Demográficos (PT=100)



Indicadores Demográficos

Densidade populacional (Hab./Km²): População residente total / Área total em Km²

Proporção da população a residir em áreas predominantemente urbanas (%): População a residir em áreas predominantemente urbanas / População residente total x 100

Índice de envelhecimento (N.º): População residente com 65 ou mais anos / População residente dos 0 aos 14 anos x 100

Taxa bruta de natalidade (%): Nados vivos / População média x 1000

Taxa de mortalidade infantil (%): Óbitos com menos de 1 ano de idade / Nados vivos x 1000

Proporção de casamentos católicos (%): Casamentos católicos / Total de casamentos x 100

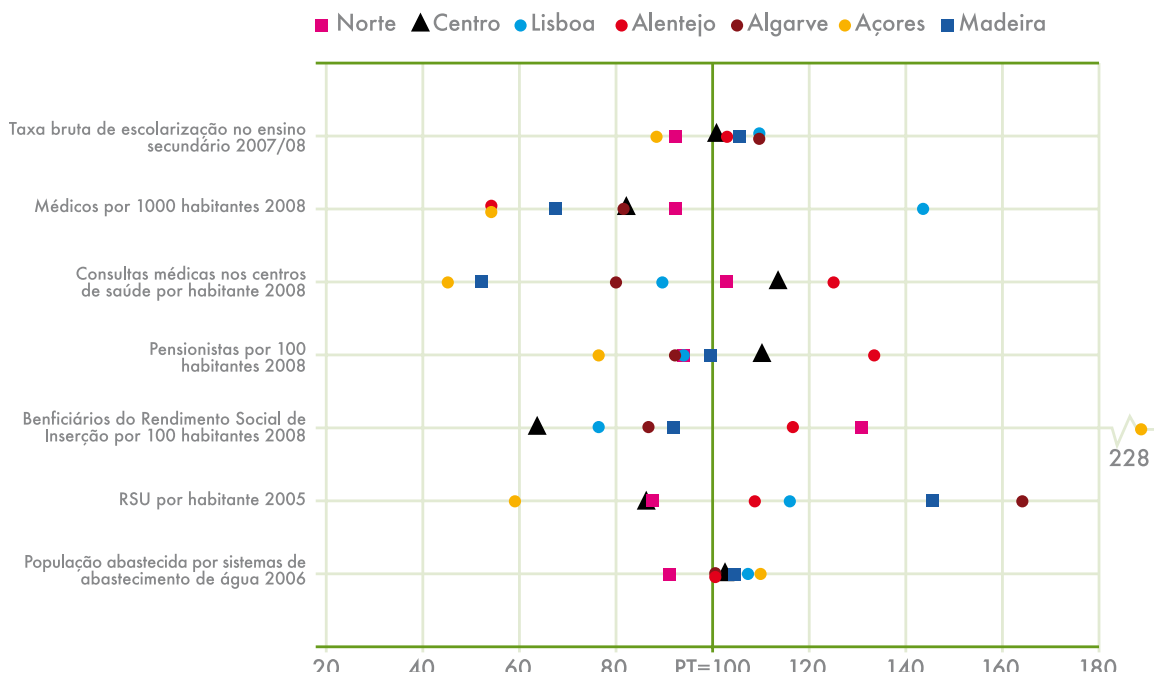
Taxa bruta de divórcio (%): Divórcios / População média x 1000

Em termos dos indicadores de natureza social, a escolha centrou-se na abordagem de áreas como educação, saúde, protecção social ou ambiente. Constatou-se que a Região Centro apresenta indicadores já muito mais próximos da média nacional. De facto, na educação, além da presença forte do ensino superior na região, verificou-se que, no ensino secundário, a taxa bruta de escolarização em 2007/08 se situava ligeiramente acima da média nacional. Quanto à saúde, também muito relevante na região, em 2008, a Região Centro posicionava-se em terceiro lugar no que toca ao número de médicos por habitante e em segundo, acima da média nacional, em relação ao número de consultas médicas nos centros de saúde por habitante.

No que respeita à protecção social, embora tenha sido uma das regiões que, no mesmo ano, registou maior número de pensionistas por 100 habitantes (só ultrapassada pelo Alentejo), a Região Centro apresentou um reduzido número de beneficiários do Rendimento Social de Inserção tendo em conta a sua população residente.

Na vertente ambiental, a avaliar pelos indicadores seleccionados, a Região Centro apresentou um comportamento positivo, quer relativamente às restantes regiões do país, quer face à média nacional. Apenas os Açores registaram, em 2005, um menor volume de resíduos sólidos urbanos recolhidos por habitante do que a Região Centro. No que se refere ao indicador percentagem de população abastecida por sistemas de abastecimento de água, a região apresentava em 2006 um valor superior à média nacional.

A Região Centro no contexto nacional e regional – Indicadores Sociais (PT=100)



Indicadores Sociais

Taxa bruta de escolarização no ensino secundário (%): Alunos matriculados no ensino secundário / População residente dos 15 aos 17 anos x 100

Médicos por 1000 habitantes (N.º): Médicos / População residente total x 1000

Consultas médicas nos centros de saúde por habitante (N.º): Consultas médicas realizadas nos centros de saúde / População média

Pensionistas por 100 habitantes (N.º): Pensionistas activos em 31 de Dezembro / População residente x 100

Beneficiários do Rendimento Social de Inserção por 100 habitantes (N.º): Beneficiários do Rendimento Social de Inserção / População residente x 100

RSU por habitante (Kg/Hab.): Resíduos sólidos urbanos recolhidos / População média

População abastecida por sistemas de abastecimento de água (%): População abastecida por sistemas de abastecimento de água / População média x 100

Em termos económicos, a análise incidiu sobre as contas regionais, o poder de compra, o mercado de trabalho, as empresas e a actividade turística.

Denotou-se que o PIB *per capita* em 2008 na Região Centro era apenas superior ao da Região Norte, ficando aquém da média nacional. Também no Indicador *per capita* de poder de compra a região apresentou fragilidades uma vez que apenas superava o valor registado nos Açores. No entanto, no que toca ao rendimento disponível das famílias por habitante, a região melhorava a sua posição relativa e aproximava-se mais das regiões do Alentejo e dos Açores. Apesar do exposto, a Região Centro apresentava sinais positivos na taxa de desemprego, que era a mais baixa de todas as regiões portuguesas.

Na esfera empresarial, constatou-se que a região contava com uma grande percentagem de empresas por habitante, posicionando-se muito perto da média nacional, apenas abaixo dos valores apresentados pelas regiões de Lisboa e Algarve. Estas eram sobretudo microempresas, o que se retira pelo facto de a região registar um dos índices mais baixos de pessoal ao serviço por empresa em 2007.

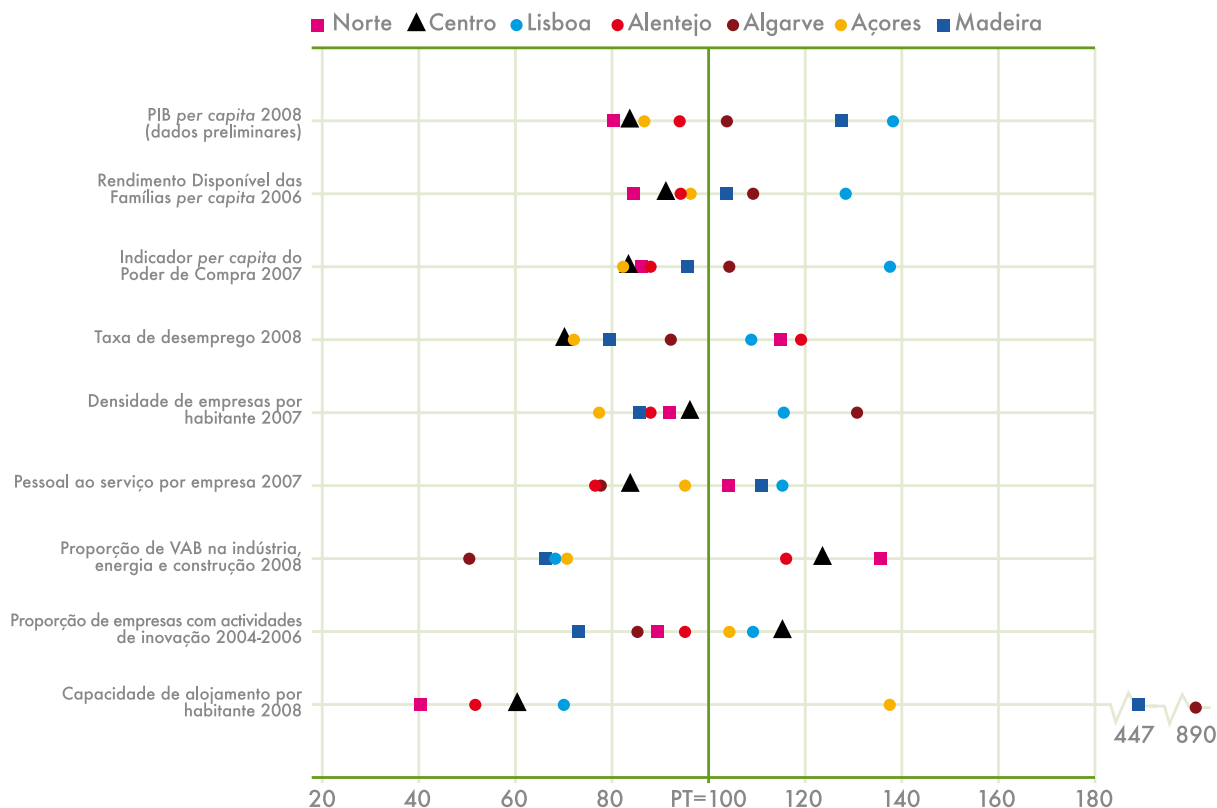
Na perspectiva das actividades económicas da região, esta apresenta uma estrutura produtiva diversificada, em que coexistem áreas de especialização tradicionais (cerâmica, minerais não metálicos como a produção de cimento, florestas e produtos daí resultantes como a pasta do papel) e actividades económicas como a metalomecânica, os moldes e actividades intensivas em conhecimento.

As actividades tradicionais distribuíam-se de forma equilibrada pelo território, o que posicionava a Região Centro em segundo lugar no que toca à proporção de Valor Acrescentado Bruto (VAB) na indústria, energia e construção em 2008. Apostava-se, contudo, ainda bastante, em ramos tecnologicamente pouco evoluídos e intensivos em trabalho e em recursos naturais (uma riqueza regional), o que contribuía para uma baixa produtividade na região, em termos globais, ainda que em alguns ramos de actividade a Região Centro não ficasse aquém das outras, conforme o indicador de VAB aqui apresentado.

Destacam-se também as actividades intensivas em conhecimento, em especial as TIC, a biotecnologia, as energias renováveis, novos materiais e produtos da área da saúde, que têm protagonizado um desenvolvimento mais intenso do que o das restantes actividades, contando com um contributo decisivo do Sistema Científico e Tecnológico da região, constituído por universidades, institutos politécnicos, centros tecnológicos e outros centros de conhecimento. A aposta em investigação, desenvolvimento e inovação tem, assim, particular força na Região Centro, o que se comprova também pelo seu posicionamento no que se refere ao peso das empresas com actividades de inovação no total de empresas da região.

Por fim, uma referência ao turismo da região, cujas potencialidades, como sejam o termalismo, o turismo rural, as aldeias históricas, as aldeias do xisto e os parques naturais, têm sido alvo de uma forte aposta. Em 2008, a capacidade de alojamento por habitante na região suplantava já a do Norte e do Alentejo, estando próxima da de Lisboa. Há que atentar, no entanto, que a média nacional deste indicador era bastante impulsionada pelos valores que tomava no Algarve e na Madeira, considerando-se a posição da Região Centro relativamente positiva, ainda que abaixo do valor médio do país.

A Região Centro no contexto nacional e regional – Indicadores Económicos (PT=100)



Indicadores Económicos

PIB per capita (euros): PIB / População média

Rendimento Disponível das Famílias per capita (euros): Rendimento Disponível das Famílias / População média

Indicador per capita do Poder de Compra: Poder de compra manifestado quotidianamente, em termos per capita, tendo por referência o valor nacional (PT=100)

Taxa de desemprego (%): População desempregada / População activa x 100

Densidade de empresas por habitante (N.º/Hab.): Empresas sediadas / População residente

Pessoal ao serviço por empresa (N.º): Pessoas ao serviço em empresas sediadas / Empresas sediadas

Proporção de VAB na indústria, energia e construção (%): VAB na indústria, energia e construção / VAB total x 100

Proporção de empresas com actividades de inovação (%): Empresas com actividades de inovação / Total de empresas x 100

Capacidade de alojamento por habitante (N.º): Capacidade de alojamento nos estabelecimentos hoteleiros / População residente total

447 890

FONTES

CONJUNTURA

• Enquadramento Nacional

- INE - Contas Nacionais Trimestrais
- Inquérito ao Emprego
- Índice de Preços no Consumidor (Base 2008)
- Inquérito de Conjuntura aos Consumidores
- Inquéritos Qualitativos de Conjuntura

• Mercado de Trabalho

- INE - Inquérito ao Emprego
- Índice de Preços no Consumidor (Base 2008)
- Índice de Custo do Trabalho (Base 2008)

• Desemprego Registrado

- IEFP - Desemprego Registrado por Concelho – Estatísticas Mensais
- INE - Estimativas Anuais da População Residente (2008)

• Endividamento das Empresas

- Banco de Portugal
- Empréstimos concedidos a sociedades não financeiras
- Rácios de crédito vencido das sociedades não financeiras
- INE - Índice de Preços no Consumidor (Base 2008)

• Comércio Internacional de Bens

- INE - Contas Nacionais Trimestrais
- Entradas e Saídas de Mercadorias por Secção da Nomenclatura Combinada, Tipo de Comércio, NUTS II e NUTS III

Secções seleccionadas:

- I – Animais vivos e produtos do reino animal
- IV – Produtos das indústrias alimentares; bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres; tabaco e seus sucedâneos manufacturados
- VI – Produtos das indústrias químicas ou das indústrias conexas
- VII – Plástico e suas obras; borracha e suas obras
- IX – Madeira, carvão vegetal e obras de madeira; cortiça e suas obras; obras de espartaria ou de cestaria
- X – Pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas; papel ou cartão para reciclar (desperdícios e aparas); papel e suas obras
- XI – Matérias têxteis e suas obras
- XIII – Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou de matérias semelhantes; produtos cerâmicos; vidro e suas obras
- XV – Metais comuns e suas obras
- XVI – Máquinas e aparelhos, material eléctrico, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios
- XVII – Material de transporte

• Turismo

- INE - Inquérito à Permanência de Hóspedes e outros dados na Hotelaria
- Boletim Mensal de Estatística
- Índice de Preços no Consumidor (Base 2008)

• Construção e Habitação

- INE - Inquérito aos Projectos de Obras de Edificação e de Demolição de Edifícios
- Índice de Preços de Manutenção e Reparação Regular da Habitação (Base 2000)
- Inquérito à Avaliação Bancária na Habitação
- Índice de Preços no Consumidor (Base 2008)

• Políticas Públicas na Região Centro

- Comissão Técnica de Coordenação do QREN
- Indicadores Conjunturais de Monitorização: Boletins Informativos n.º 3, 4 e 5
- Autoridade de Gestão do Mais Centro

• Programa de Iniciativa Comunitária URBACT II 2007-2013

- Secretariado do URBACT

DINÂMICAS REGIONAIS NA REGIÃO CENTRO

• A Região Centro no contexto nacional e regional

- Instituto Nacional de Estatística

A informação contida no “Região Centro – Boletim Trimestral” do terceiro trimestre de 2009 foi recolhida até ao dia 18 de Janeiro de 2010.

